



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**LAYLA RIBEIRO DA CUNHA**

**UMA HISTÓRIA NÃO SE CONTA SOZINHA!**  
Um encontro imaginativo entre o contador e as crianças

**BRASÍLIA – DF  
2015**

**LAYLA RIBEIRO DA CUNHA**

**UMA HISTÓRIA NÃO SE CONTA SOZINHA!**

Um encontro imaginativo entre o contador e as crianças

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues.

**BRASÍLIA – DF  
2015**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**LAYLA RIBEIRO DA CUNHA**

**UMA HISTÓRIA NÃO SE CONTA SOZINHA!**  
Um encontro imaginativo entre o contador e as crianças

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Comissão Examinadora

---

Professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues

---

Professora Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues

---

Professora Doutora Solange Alves de Oliveira Mendes

## AGRADECIMENTOS

Louvido seja o nome do Senhor! A Ele a minha gratidão porque a cada dia tenho sido alvo da sua graça, misericórdia, fidelidade e amor “Ele faz coisas grandes e inescrutáveis e maravilhas que não se podem contar” (Jó 5:9)

Agradeço aos meus pais, Obedes Jr. e Inez, por serem uma fonte de exemplo, perseverança e vida cristã, pelo apoio que sempre me deram, pelos conselhos constantes, pelo incentivo e pela confiança que sempre depositaram em mim. Obrigada meu pai por ser um exemplo de homem fiel e dedicado a obra do Senhor. Obrigada mãe, por despertar em mim a paixão pela educação e por ser exemplo de dedicação e responsabilidade.

À minha irmã Elisa, obrigada por ser minha regra de ABNT ambulante e sempre me ajudar com a formatação do trabalho, obrigada pelo companheirismo do dia a dia. Ao meu irmão Timo e cunhada Ju, os momentos com vocês sempre me animam e enchem de alegria.

Ao meu noivo Davi, obrigada por todo seu apoio e amizade. Obrigada pelos momentos de calma e distração tão essenciais nessa rotina corrida. Obrigada por seu abraço seguro, pelo ombro que seca minhas lágrimas, pela risada que contagia, pelo companheirismo e suporte na caminhada cristã. E principalmente obrigada por sonhar comigo um futuro.

Aos Cunha e aos Baumgratz, obrigada pelas orações e por todo suporte e incentivo que sempre me deram.

À Luciana, minha amiga querida, obrigada por todos esses anos de amizade. Te admiro profundamente e me alegro por poder confiar em você e na nossa amizade. À Bia, Mari, Marina, Lais1 e Lais2, amigas de perto e de longe, mas que são essenciais na minha caminhada.

Aos amigos da igreja, em especial do Sopão, Pequeno Grupo e Mocidade, obrigada pelas orações e pela diversão garantida.

Aos meus amigos da faculdade, em especial à você Sarah, vocês tornaram esses anos de formação mais leves.

À Juliana, Carla, Cauê, Davi e seus familiares. Obrigada por me darem a oportunidade de trabalhar e aprender com vocês. A cada dia vocês me divertiram e me desafiaram como pessoa e pedagoga.

Às professoras da banca examinadora por me darem a honra de estarem comigo nesse momento de avaliação.

Agradeço a Professora Teresa Cristina por ser um exemplo de professora dedicada, por sua alegria e doçura que me contagiava em todos os nossos encontros.

À professora Alexandra, obrigada pelo acolhimento alegre e sensível. Apesar dos seus muitos afazeres esteve sempre muito disposta em avaliar o meu trabalho com atenção e respeito. A sensibilidade das suas palavras, a dedicação do seu trabalho, a delicadeza do seu carisma me inspiram como pessoa e profissional. Obrigada por, a cada encontro, me impulsionar a emprestar a esse trabalho a singularidade do meu ser. Sua orientação foi essencial!

*“Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.”*

*Dt 6:5-9*

## RESUMO

No presente trabalho buscamos analisar acerca da interação vivida pelos sujeitos da ação, contador e ouvinte, no processo da contação de histórias. Investigamos, também, o papel e postura do contador frente à narração, o envolvimento entre aquele que conta e aqueles que escutam, a importância da história para a imaginação infantil, bem como para o seu desenvolvimento, em especial com relação à fala, à brincadeira de faz de conta, ao desenho e à escrita. Para isso nos amparamos em autores e referências da contação de histórias e literatura infantil como Coelho (1997), Abramovich (1993), Tahan (1964) e Busatto (2012), dentre outros. Desenvolvemos, com quatro crianças entre três a cinco anos, uma pesquisa-ação, na qual realizamos momentos de contação de histórias, seguidos de diversas atividades relacionadas à narrativa. Utilizamos como instrumento de pesquisa a escuta sensível, o diário de bordo e a gravação em áudio. Por meio da interação da contadora-pesquisadora com as crianças, pudemos constatar que a postura, estratégias e recursos da narradora influenciam consideravelmente o envolvimento da criança com a história e a expressão da sua imaginação. Percebemos, ainda, a riqueza das histórias para o desenvolvimento da criança, nos aspectos pessoal, social e cultural.

**Palavras chave: Criança; Contação de histórias; Imaginação**

## **ABSTRACT**

In the present work it is reflected the interaction between the subjects of action, the storyteller and the listener, in the process of a storytelling. It is also investigated the purpose and posture of the storyteller regarding the narration, the involvement between the person who tells the story and the public who hears it, the importance of the story for the children's imagination, also for their development, specially their speech, make up play, drawing and writing. The references for children's literature and story telling are the authors Coelho (1997), Abramovich (1993), Tahan (1964) and Busatto (2012), among others. An action-research between four children in the age of three to five years old was developed for this project where the children had moments of storytelling, followed by diverse activities related to the narrative. Sensitive hearing, board diary and audio records were used as research instruments. By contacting the children and with the efforts of the researcher, it was made possible to conclude that the posture, strategy and resources of the storyteller influence considerably the involvement of the child with the story and the child's imaginative expression. It was also noticed how rich stories are for the child's development in personal, social and cultural aspects.

**Keywords: Child; Children; Storytelling; Imagination**

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Os três porquinhos e o lobo .....	48
FIGURA 2 – Desenho feito por Carla – Tubarão .....	56
FIGURA 3 – Desenho feito por Cauê – Lobo.....	56
FIGURA 4 - Desenho feito por Davi – Monstro menina.....	56
FIGURA 5 – Pão-pão e Cebolão.....	62
FIGURA 6 – Ilustração: Carla.....	63
FIGURA 7 - Ilustração: Juliana.....	64
FIGURA 8 – Ilustração: Davi.....	64
FIGURA 9 – Ilustração: Cauê.....	64

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>MEMORIAL.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ORALIDADE, PERFORMANCE, INTERAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
1.1 O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS .....	18
1.2 PERFORMANCE DO CONTADOR.....	20
1.3 DA INTERAÇÃO CONTADOR-OUVINTE: UMA HISTÓRIA NÃO SE CONTA SOZINHA .....	25
<b>CAPÍTULO 2 A NARRAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA DESPERTAR O IMAGINÁRIO E PROMOVER O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM.....</b>	<b>29</b>
2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA PERTINÊNCIA PARA O IMAGINÁRIO INFANTIL .....	29
2.2 A FALA, O FAZ DE CONTA, O DESENHO E A ESCRITA. ....	32
<b>CAPÍTULO 3 METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
<b>CAPÍTULO 4 ERA UMA VEZ QUATRO CRIANÇAS... E UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS.....</b>	<b>44</b>
HISTÓRIA – OS CISNES SELVAGENS .....	44
HISTÓRIA – OS TRÊS PORQUINHOS .....	46
HISTÓRIA – PÉ DE POESIA .....	49
HISTÓRIA – CHAPEUZINHO AMARELO .....	53
HISTÓRIA – O PAVÃO DO ABRE E FECHA .....	56
HISTÓRIA – CARAS, CARINHAS E CARETAS. ALIMENTOS COM SENTIMENTOS.....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>70</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso está dividido em três partes, sendo elas, o memorial, a monografia e as minhas perspectivas profissionais futuras.

Na primeira parte narramos os acontecimentos que marcaram minha vida pessoal e estudantil e que foram importantes para a minha formação como pessoa, pedagoga e professora.

Na segunda parte refletimos acerca da contação de histórias sob a perspectiva do envolvimento que ocorre entre contador, a história e o ouvinte. No primeiro capítulo trouxemos um pouco da história da narração e seus benefícios. Abordamos a importância do contador se envolver com a história e contá-la de forma que busque fazer com que seus movimentos, gestos e expressões contribuam para o enriquecimento da narrativa, e ainda a relação estabelecida entre contador e ouvinte no curso da história narrada. No segundo capítulo falamos sobre os benefícios das histórias para a imaginação infantil bem como para o desenvolvimento da criança, enfocando principalmente na fala, na brincadeira de faz de conta, no desenho e na escrita. No terceiro capítulo apresentamos a metodologia da pesquisa, caracterizando o ambiente e os sujeitos participantes da pesquisa, assim como os instrumentos utilizados. No quarto capítulo refletimos sobre a prática de contação de histórias realizada com quatro crianças ao longo da pesquisa, e as atividades realizadas no decurso desse processo.

Na última parte do trabalho apresentamos as perspectivas profissionais e planos para um futuro próximo, como educadora formada e eterna aprendiz.

## MEMORIAL

Minha vida educacional teve início muito cedo. Mesmo sem ter a idade necessária, com 11 meses de idade ingressei no Colégio Batista de Brasília, na turma do Maternal I, pois minha mãe trabalhava lá como professora de inglês e educação física e como não tinha ninguém para ficar comigo, precisava que eu também frequentasse a escola.

Depois de dois anos, minha mãe saiu do Batista e foi trabalhar no Colégio Presbiteriano Mackenzie. Nessa transição eu não pude acompanhá-la, pois era muito pequena e o colégio não aceitava crianças dessa faixa etária. Sendo assim, fiquei um ano sem poder frequentar a escola, mas ficava em casa com uma empregada de quem eu gostava muito, chamada Nilda. Lembro-me que constantemente eu pedia para que ela lesse algumas histórias, e em especial um livrinho que havia ganhado da minha avó, chamado “Filhotes” da Coleção Cineminha.

Ingressei no Mackenzie quando tinha 4 anos e lá fiquei até concluir o terceiro ano do Ensino Médio. Minha trajetória foi marcada de diversas formas e por muitas pessoas, com momentos bons e ruins. Encontrei muitos bons professores que fizeram a diferença na minha vida e da mesma forma também encontrei outros professores ruins, que me desestimularam em muitos momentos.

Na Educação infantil eu amava a hora da história e do teatro: sempre me encantava quando éramos todos levados para a sala de música e lá estavam os professores fantasiados, para nos contar alguma história ou encenar algum teatro. Lembro que certa vez até pude participar, fazendo o papel do papagaio.

No Ensino Fundamental I, quando já estava mais familiarizada com as letras, eu adorava frequentar a biblioteca, seja para ler os livros e gibis, seja para pegar alguns livros gigantes que existiam na biblioteca, me esconder debaixo deles e lá ficar fofocando com minhas amigas.

No Fundamental II comecei a ter muita dificuldade com a Gramática, detestava as regrinhas, fugia de colocar acentos e vírgulas nas palavras. E no final do Fundamental fui apresentada à Física e logo na primeira prova tirei a minha primeira nota baixa e descobri que nós não seríamos grandes amigas. Apesar disso, começar a ser introduzidas às aulas de Química, Física e Biologia teve seu lado

positivo, pois íamos aos laboratórios de ciências e essa era a parte mais divertida da semana.

No Ensino Médio continuei me desentendendo com a Física e com a Gramática, mas em contrapartida me encantava com as aulas de Literatura e Artes Visuais. Era apaixonada pelos períodos do Romantismo e do Renascentismo e as aulas de Artes eram sensacionais.

Durante toda a minha trajetória escolar fui dedicada e estudiosa, buscava sempre tirar boas notas. Na época do Ensino Médio, todos os esforços dos professores e dos alunos eram específicos para o vestibular e os meus não eram diferentes. Sempre tive em mente o desejo de ingressar na Universidade de Brasília (UnB) no curso de Psicologia, porém cultivando a vontade de trabalhar na área infantil, pois gostava muito de trabalhar com crianças.

Prestei os vestibulares e não passei em nada, conversei bastante com os meus pais sempre levantando o desejo de cursar Psicologia e a vontade de trabalhar com crianças. Eles me aconselharam então a fazer um curso de Pedagogia também. Pouco tempo depois dessas conversas e com esse plano em mente, vi que ainda tinha vagas para o curso de Pedagogia para entrar com a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) pelas vagas remanescentes. Decidi me inscrever e então passei no processo de seleção do Sistema de Seleção Unificado (SISU).

Entretanto, hoje, quando olho para trás e penso como se deu a minha formação (ainda tão embrionária) como professora e também o meu gosto pela contação de histórias, vejo que não só a escola contribuiu nesse sentido, mas diversos fatores também influenciaram esse processo.

Minha mãe é professora de Educação Física da Educação Infantil, e a minha vida inteira vi o seu amor, dedicação e esforço para realizar um trabalho de excelência com as crianças. Nas nossas muitas conversas no caminho da escola, ou depois do almoço, enquanto ela arrumava a cozinha, me relatava diversas histórias sobre seus alunos e suas aulas e via de fato que o seu trabalho gerava resultados na vida da escola em que ela atuava e na vida daquelas crianças. Essa admiração sempre me inspirou a querer atuar com a mesma dedicação e excelência

Desde cedo sempre cultivei o amor pelas crianças e o gosto em trabalhar com elas. Desde os treze anos comecei a ajudar nos acampamentos de crianças que aconteciam na igreja, com a finalidade de as instruir e cuidar delas. E desde os

quinze anos virei professora de Escola Dominical. Nesse ambiente comecei a aprender sobre o que é ser uma professora, e no convívio com professoras mais experientes, percebi a importância de se preparar uma aula, preparar recursos visuais para a história, aprender novas técnicas e músicas. E foi também nesse ambiente que criei gosto pelas crianças pequenas, em idade de Educação Infantil, e tive então certeza de que era com elas que desejava trabalhar.

Desde pequena vou à igreja semanalmente e me lembro que desde muito nova, nos eventos da igreja para as crianças, escutava as histórias da bíblia e ficava deslumbrada com os visuais, com a forma que as histórias eram contadas, repetidas e recontadas, mas cada hora de um jeito diferente. Me impressionavam os flanelógrafos do Antônio Carlos, me encantavam os fantoches, os livros, os visuais feitos com garrafa pet, rolo de papel higiênico, saco de pão, pratos e muitas outras materiais. Me encantava a forma como o contador era capaz de mudar a voz, o semblante, o corpo, fazer e acontecer a narrativa de forma que eu me sentia parte daquelas histórias. E em especial, me divertia com as histórias do Boneco Barnabé, um boneco de ventríloquo que contava sempre as mesmas histórias e piadas e eu já sabia todas elas quase que decorado, mas todas às vezes, e confesso que até hoje, ele era capaz de me entreter e fazer rir como se eu as estivesse escutando pela primeira vez.

Até hoje guardo esse gosto por uma boa história contada, guardo o brilho nos olhos pelos cenários visuais bem feitos e bem utilizados; ainda guardo os olhos arregalados e as caretas que saem de forma despercebida quando a história chega em seu clímax e a voz fica mais baixa e vagarosa; ainda guardo o sorriso nos lábios quando o final feliz aparece, o vilão é derrotado e os mocinhos finalmente ficam “felizes para sempre”.

E é por todo esse universo das histórias infantis e principalmente, das histórias contadas – e bem contadas – que nesse semestre me debruço sobre esse tema.

## INTRODUÇÃO

Antigamente, quando a sociedade ainda não era letrada, as histórias eram narradas de forma oral, de geração em geração. As tradições das sociedades e as situações cotidianas eram passadas por meio da ação de contar e escutar histórias. Entretanto, com a aceleração da vida moderna e o advento generalizado das tecnologias, a atividade de contar histórias por meio da oralidade tem sido deixada de lado, sendo vista somente como uma forma de passatempo e entretenimento, sem que se perceba a extensão de sua importância e influência na vida e no desenvolvimento das crianças.

Essa desvalorização da narração, associada à facilidade que hoje se tem de ouvir histórias por meio das tecnologias, com desenhos animados, vídeos ou filmes, tem feito com que nos preocupemos menos com o conteúdo das histórias ouvidas. Dessa forma, mídias, leituras *online* e histórias contadas e ouvidas de forma áudio visual, tem valorizado mais a forma do que o conteúdo, imprimindo nessas leituras um caráter superficial. Ruth Rocha, em seu livro-diálogo com Ana Maria Machado (2011), afirma que saímos de uma cultura iletrada, oral, que nem por isso deixava de ser sábia, e entramos na sociedade dos recursos facilitados pela tecnologia, que ultrapassam até a simples leitura. Tudo isso facilita e simplifica de tal forma a vida cotidiana que chega até a piorar as coisas, “porque a rapidez que esses meios imprimiram nas operações, principalmente de comunicação, acaba conduzindo a uma superficialidade que se opõe a qualidade.” (ROCHA; MACHADO, 2011, p.30).

Estamos na contramão das sociedades primitivas iletradas, que viam na linguagem oral e na narração o caminho de se passar, por meio da fala, o encantamento da linguagem, a brincadeira com as palavras, as tradições familiares, culturais e sociais, a fim de que essas fossem perpetuadas. Estamos negligenciando a consciência de que a história contada serve, também, para tocar profundamente o ouvinte e, quando possível, lhe transmitir uma mensagem relevante.

Segundo Pereira (2012, p. 11), “não se pode negar que o uso da contação de história efetiva-se de forma construtiva, com objetivos ponderantes, por isso é importante que o educador esteja preparado para realizar esta prática com um teor significativo”.

Servindo para provocar a diversão e o bem estar, mas indo muito além disso, a narração oral, sendo inserida no cotidiano infantil, pode trazer como benefício a transmissão de valores (TAHAN, 1964), o estímulo ao senso crítico, desenvolver o raciocínio, possibilitar a auto identificação (BUSATTO, 2012), ampliar a visão de mundo da criança, estimular sua imaginação (COELHO, 1997), fazer com que ela se familiarize com a literatura, tornando esse momento mais prazeroso e auxiliando assim no processo de alfabetização e letramento, na formação de futuros leitores e escritores (SOUSA; BERNARDINO, 2011).

A contação de histórias tem a capacidade de educar, ensinar e estimular habilidades essenciais ao desenvolvimento humano, sem perder o lúdico e a possibilidade de trazer divertimento, alegria e prazer.

Entretanto, muito mais do que uma experiência oral passiva, a contação de histórias se mostra como uma relação mútua entre aquele que conta a história e aquele que a escuta, e isso acontece na sutileza dos olhares trocados, nas aflições compartilhadas entre os mocinhos das histórias e a plateia, e no amor pelas histórias contadas e ouvidas.

Tanto narrador quanto ouvinte caminham juntos e é no compartilhar de suas sensibilidades e perspectivas que ambos constroem a história à medida que esta é contada. Sendo assim, a cada vez que uma história é contada ela se torna única e por mais que seja recontada por diversas vezes, ela nunca vai conseguir ser repetida da mesma forma que da primeira vez. Segundo Torres e Tettamanzy (2008) a cada vez que o narrador se dispõe a contar uma história, ele conta uma história diferente, mesmo que aparentemente seja a mesma. Isso acontece, pois as condições que envolvem a história se modificam, tais como o ambiente, os sentimentos que cercam o contador e a plateia, a própria plateia e o enfoque dado a uma certa parte da história ou um certo valor que pode ser aplicado a ela também muda, conforme a vida passa.

Essa relação de troca tem como ponto de partida o narrador, que antes de qualquer coisa deve selecionar o conto, conhecê-lo e compreendê-lo. E ao contar a história deve empenhar-se em colocar-se nela usando voz, gesto, expressão e corpo. Segundo Torres e Tettamanzi (2008) "a contação de histórias em performance permite a interação entre contador e ouvintes, o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna" (p. 5). Sendo assim, o sucesso dessa relação acontece a partir da ação do narrador, que

para envolver aquele que escuta e estimular nele um processo imaginativo mais rico, deve se preocupar em usar não somente boas histórias e visuais ilustrativos, mas usar o seu próprio corpo e voz como uma extensão da própria história.

Essa ação do contador é capaz de permitir que o ouvinte fantasie, imaginando e visualizando dentro da sua cabeça a história contada. Tal situação estimula o processo imaginativo da criança, fazendo com que ela imagine o proposto pela história e ainda vá além, recriando novas situações e personagens.

Diante de tudo que foi exposto, me deparo com diversos questionamentos que cercam o tema abordado e que me perseguem como pesquisadora e estudante do mesmo. Trata-se de uma multiplicidade de perguntas geradoras de inquietações que não podem todas ser respondidas nesta pesquisa, mas que deram origem aos objetivos da presente pesquisa. Eis algumas dessas questões:

- Qual é a riqueza contida em um momento/processo de contação de história?
- Como acontece a relação entre contador e plateia?
- Como e por que o contador deve se preparar para contar a história, qual a importância disso para a criança?
- Qual a influência da história para a imaginação infantil?
- Como ela pode proporcionar desenvolvimento e aprendizagem infantil?
- Que relações podem ser estabelecidas com a fala, o faz de conta, o desenho, e a escrita?

Por causa dessas inquietudes e muitos questionamentos é que esse trabalho passou a existir, mas sobretudo por causa da problemática central que se segue abaixo:

- Como se constrói a interação contador-ouvinte durante o processo de contação de histórias e qual a sua importância para o desenvolvimento da imaginação da criança?

O **objetivo geral** desse estudo é analisar a interação vivida pelos sujeitos da ação, contador e ouvintes, na contação de histórias, bem como a possível relevância desse processo para a imaginação da criança.

E seus **objetivos específicos** são:

- investigar a relação de troca entre contador e ouvinte;

- observar como o contador constrói a narrativa a fim de envolver o ouvinte;
- investigar como as crianças interagem com a história contada;
- conhecer os benefícios trazidos pela narração para o desenvolvimento infantil;
- caracterizar os processos de imaginação das crianças relacionados à contação de histórias.

E é por todo esse universo das histórias infantis e principalmente, das histórias contadas – e bem contadas – que nesse semestre me debruço sobre esse tema, para que um dia, quem sabe, eu também não seja capaz de ser uma boa contadora de histórias e encantadora de crianças.

## **CAPÍTULO 1 – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ORALIDADE, PERFORMANCE, INTERAÇÃO**

Ao se falar sobre narração de histórias reconhecemos que, para que ocorra essa atividade, é necessário que haja o envolvimento de três polos fundamentais: a história, o contador e o ouvinte.

É sobre esses três aspectos que esse capítulo pretende discorrer. Falando primeiramente da contação de histórias em si, a progressão histórica pela qual ela passou até os dias de hoje, sua importância e benefícios para o desenvolvimento da

criança-ouvinte, sua função primária e os cuidados que se deve ter para a escolha da história.

Em segundo lugar, abordaremos a postura do contador de história, os cuidados e atenções que devem ser tomadas no momento da narração, sempre ressaltando a importância do narrador se colocar na história como uma extensão da mesma.

Em terceiro e último lugar abordaremos a postura do ouvinte ao estabelecer uma relação de envolvimento com o contador, na contrapartida necessária para a construção da história que está sendo contada.

## **1.1 O ato de contar histórias**

Desde os primórdios da humanidade quando a sociedade era ainda iletrada e somente a cultura oral era a que prevalecia o homem já se deleitava com a contação de histórias, entretanto essa era uma atividade relegada aos mais simples e incultos que se reuniam para contar suas lendas e contos. Histórias pertencentes ao imaginário popular e que tinham por objetivo o entretenimento e divertimento daquela coletividade, bem como passar adiante as lendas e fatos que cercavam aquela população.

No transcurso da história essas narrações serviram para relatar casos de guerra, repassar tradições para os mais jovens, dominar sobre outros povos, falar sobre escândalos da realeza, exaltar fatos heroicos, reafirmar a cultura de um povo e propagar doutrinas religiosas. E com a progressão do tempo, as narrativas foram se aprofundando e ganhando mais detalhes e personagens. (TAHAN, 1964)

Aqueles que contavam as histórias obtinham prestígio e reconhecimento, pois, suas narrativas proporcionavam momentos de prazer e alegria para aqueles que as escutavam.

Segundo a professora Cezira Rodrigues, citada por Malba Tahan (1964) “a história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos.” (p. 15)

Atualmente as tecnologias áudio visuais tem sido parte integrante e indispensável do cotidiano das pessoas e muito pode contribuir para a narração, principalmente por ampliar as possibilidades de recursos visuais e sonoros.

Entretanto, tendo em vista que o foco deste trabalho é a narração envolvente do contador bem como sua influência para o imaginário infantil, nos deteremos nos estilos de narração que não se utilizam desses recursos, pois, segundo Coelho (1997) essa “é a forma ideal para contar uma história e a que mais contribui para estimular a criatividade” (p.32).

Com uma história bem contada o interesse do ouvinte é quase certo e suas contribuições para o mesmo são inúmeras. Segundo Coelho (1997):

“Se o narrador mantiver sempre uma atitude calma e tranquila, sem se impacientar ou irritar-se, mesmo as crianças que por algum motivo não conseguem ficar atentas breve serão boas ouvintes, pois nada melhor que uma história para desenvolver a capacidade de atenção” (p. 56)

Dentre estas contribuições destacamos o divertimento e o prazer gerado por meio daquela história, esse deve ser o primeiro e principal objetivo de se contar histórias, antes de qualquer coisa a história deve divertir, agradar e encantar! “Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução...” (ABRAMOVICH, 1993, p.24)

Entretanto, não se deve negligenciar todo o potencial contido nas histórias, muito além do simples divertimento, ela tem o poder de educar e ensinar. Tem a capacidade de possibilitar a auto identificação da criança com a história, e/ou os personagens desta, auxiliando-a na mediação de possíveis conflitos e na superação de dificuldades e desafios vividos por ela. Desperta o imaginário infantil, apresentando novas ideias, lugares e mundos para as crianças. O estímulo à leitura e o auxílio no processo de alfabetização e na formação de futuros leitores e escritores. Além de fazer com que a criança vivencie e experimente sentimentos reais através da ficção da história. “Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem” (SOUZA; BERNARDINO, p. 237).

Entretanto, para que isso possa acontecer, a história deve ser escolhida “a dedo” por quem a conta. Para isso, o público alvo é levado em conta, pensando em sua faixa etária, suas necessidades, sua condição socioeconômica. Há de se analisar também o local no qual a história será contada. Ao pensar nesses fatores podemos perceber que antes da história ser lida para as crianças, ela deve ser lida pelo narrador. E muito antes de desejar sensibilizar ou querer fazer rir o público deve ser o narrador o primeiro a ser tocado e envolvido pela história. “É necessário que

exista identificação entre conto e contador, para que este possa conduzir a narrativa da melhor forma.” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.5)

O narrador que se emociona, que sorri, que sente a história terá maior facilidade de contar de tal forma que desperte os mesmos sentimentos uma vez sentidos por ele.

“Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte.” (ABRAMOVICH, 1993, p.20)

Entretanto, para o sucesso de uma narrativa, o contador deve se preocupar também com sua postura durante a história. Mais do que escolher, conhecer, sentir e adaptar as histórias, para que ela gere divertimento e maiores benefícios para a criança o contador deve se preocupar com sua ação no momento da contação.

## 1.2 Performance do contador

Nesse tópico pretendemos abordar a postura e a importância de um narrador bem preparado para uma contação de histórias. Como já abordamos brevemente no capítulo anterior, retomamos e enfatizamos a imprescindibilidade de se conhecer a história, ponto por ponto, vírgula por vírgula. Não para que se faça uma reprodução fiel da história, mas para que a partir desse conhecimento o narrador tenha liberdade e autonomia para adaptá-la conforme for a necessidade dos ouvintes ou dele próprio.

Sobre isso, Betty Coelho (1997) afirma que não é necessário, e nem aconselhável, decorar toda a história, mas é importante que o narrador ao ler a história se divirta com ela, capture a mensagem nela implícita e identifique, na estrutura da história, os elementos essenciais e os secundários, sabendo diferenciá-los bem, para que a partir disso, no momento da contação, ele seja capaz de modificar a história, abrindo mão ou transformando os elementos secundários, sem negligenciar aqueles que são imprescindíveis para o transcurso da história. “Estudar uma história, portanto, é perscrutar-lhe todas as nuances e possibilidades de exploração oral” (COELHO, 1997, p.24).

Entretanto, acreditamos que nem o melhor e mais bem preparado contador é capaz de contar uma boa história, se esta, antes de tudo não o envolver, não

despertar nele a imaginação, os sentimentos evocados pela história, a paixão necessária para contá-la. Se não há identificação entre conto e contador, como podemos exigir que os ouvintes o tenham? “Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador” (BUSATTO, 2012, p.47). Cada narrador, ao contar uma história, coloca um pouco da sua personalidade nela, um pouco da sua história pessoal, priorizando passagens e valores que dialogam com seu íntimo, que fazem sentido para sua vida. Isso empresta à história a fluidez e a personalidade necessárias para uma boa narração. “É essa identificação entre o conto e o seu contador que faz a diferença” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.5)!! Sendo assim, acreditamos que antes de qualquer técnica e postura adotada pelo contador, essa é a condição primária para que este desempenhe um bom papel no momento em que se aventurar pelas histórias.

Não negligenciamos, portanto, a importância de se utilizar técnicas e recursos para essa atividade. Na realidade, damos especial atenção a postura do narrador no momento da contação, pois ele, como aquele que transmite a mensagem, deve usar todos os artifícios necessários para que ela seja passada de forma convincente, agradável e divertida. Entretanto, ao falar de recursos, não nos referimos simplesmente a recursos visuais e ilustrativos, mas ao próprio corpo e voz do narrador que ao ser utilizado contribui e acrescenta, e muito, para o sucesso de uma boa história, bem como para o desenvolvimento da imaginação infantil. “O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado” (BUSATTO, 2012, p.9).

A voz do narrador e as diferentes formas que pode ser usada no momento da história é o recurso mais básico, pois sem ela vira leitura e com isso se perdem as inúmeras sensações e possibilidades que o escutar desperta. Para Abramovich (1993) a contação de histórias é uma arte, pois “é o uso simples e harmônico da voz” (p.18).

Em primeiro plano a voz do narrador precisa ser clara, com boa dicção, facilmente entendida, na altura adequada para o local para que a fluidez da história não seja arruinada por cacoetes, e dificuldades no entendimento da fala. O tom de voz tem o poder de chamar a atenção dos ouvintes para a história, porém, pode também ser fonte de ridículo e de distração, caso seja exagerada (TAHAN, 1967).

Malba Tahan, ao citar Cappe (1964), afirma que na arte de contar histórias aprender a bem empostar a voz é essencial, pois ela desempenha um papel de

tamanha importância que até a melhor das histórias pode ser completamente arruinada, em sua beleza, por causa da má dicção do narrador.

A voz é imprescindível, pois é ela que dita o ritmo da história, que dá o andamento, a velocidade. “A consciência do ritmo confere musicalidade e harmonia à narrativa” (BUSATTO, 2012, p.65), uma história sem ritmo, que não tem continuidade frequente ou que constantemente é quebrada por interjeições desnecessárias proporciona desconforto ao ouvinte gerando distrações. Entretanto, para que haja ritmo, a voz não precisa estar ativa o tempo inteiro, as pausas, os momentos de silêncio também são essenciais para o andamento da história “[...] é necessário ter olhar atento para perceber onde é possível cavalgar velozmente, e onde parar para um rápido respiro” (BUSATTO, 2012, p.65), pois é nesses momentos que abrimos espaço para o mistério e damos tempo para a mente da criança ir além do conto, ampliando as possibilidades do já ocorrido e imaginando tudo o que pode acontecer em seguida.

Usar as diversas modalidades da voz no momento da narrativa, também contribuem para o ritmo da mesma, além disso, florear a narrativa com alterações na entonação de voz, conforme o momento da história contribui para emprestar a narrativa o sentimento que ela necessita, e até pede. É pela voz que fazemos com que o ouvinte tome conhecimento das nuances da narrativa, que compartilhamos, por exemplo, os segredos da história em uma voz sussurrante, as vitórias em uma voz animada, as tristezas em um tom de voz baixo, as estripulias do personagem em uma voz sorridente ou as maldades do vilão por meio de uma voz sombria. “O narrador tem de expressar-se numa voz definida, inconfundível, tem de saber modulá-la de acordo com o que está contando [...]” (COELHO, 1997, p. 51).

Além das palavras, a voz pode ser usada para enriquecer a narrativa por meio das imagens sonoras, tais como as onomatopeias, estas são ótimos artifícios enriquecedores da história e envolvem o ouvinte de tal forma a estimular sua imaginação que enquanto as ouve, imagina e inventa mil e uma possibilidades e soluções para o aparecimento daquele som. “Os ploc, ploc, ploc (*som das patas de um cavalo que se aproxima*) estimulam nossa imaginação, e logo surgem as perguntas: Quem subiu a escada? O que faz ploc, ploc, ploc enquanto sobe as escadas?” (BUSATTO, 2012, p.56; grifo nosso).

Além da voz o narrador pode se utilizar do seu próprio corpo como recurso essencial na contação de histórias, segundo Tahan (1964) “constitui o gesto um dos

recursos mais preciosos para o narrador” (p.36). Isso porque o movimento corporal pode envolver o ouvinte, chamando sua atenção. Por meio do corpo, as ações do texto da história podem ser demonstradas tornando-se mais um elemento enriquecedor e uma porta de estimulação da imaginação da criança. Que além de escutar as palavras, imaginar os acontecimentos, recebe mais elementos de apoio para sua imaginação.

A gestualidade é uma expressão de nós mesmos e uma extensão da própria história. Segundo Bortolin (2012) nós somos um misto dos nossos gestos, olhares, alterações das expressões faciais, voz e respiração. Não há como se pensar em uma história narrada que não tenha como amparo os gestos que denotam certo movimento ou situação da história, as expressões faciais que, antes que a voz seja colocada pra fora, já são capazes de demonstrar o sentimento ou o mistério que o momento da história pede.

De acordo com Fernandes, ao ser citado por Bortolin (2012), a comunicação gestual no lugar das palavras também pode ser considerada uma extensão da própria voz, pelo fato de que torna a fala mais real, pois o contador imprime uma imagem visual para aquilo que está sendo dito, na tentativa de torná-la mais verdadeira.

Ao se utilizar do próprio corpo como forma de expressão, o contador enriquece a narrativa e empresta elementos extra à história, complementando sua fala e transmitindo a mensagem desejada. “O gesto é uma mensagem emitida pelo corpo, ele complementa o texto oralizado na narrativa” (BORTOLIN, 2012, p.189).

O corpo pode ser usado também de forma interativa, fazendo com que a própria criança se mova junto por meio de danças ou movimentos que contribuam para o andamento da história.

Entretanto, em relação a isso há de se tomar alguns cuidados. Os movimentos precisam ser variados, o narrador deve procurar, com os recursos da sua imaginação, evitar a monotonia dos gestos (TAHAN, 1964), a repetição exagerada de um mesmo gesto se torna cansativa e pode ser motivo para dispersar os ouvintes. Devem também ser espontâneos, autênticos, sem cair na erro de serem forçados e visivelmente ensaiados, gestos forçados fazem com que os ouvintes percam o encantamento em relação a história. Por último os gestos devem ser contidos, sem exagero, sóbrios, Coelho (1997) afirma que um narrador não se agita de um lado para o outro, não se movimenta exageradamente, senão as crianças

perdem o foco daquilo que é primordial e ficam sem saber a quem devem acompanhar, se ao narrador, se aos personagens da história. Segundo Busatto (2012) muito movimento pode dispersar a atenção de quem ouve, pouco pode tornar a história monótona. Cabe ao narrador a difícil tarefa de encontrar um equilíbrio entre um e outro e utilizar seu corpo de forma a enriquecer sua narração.

A voz e o corpo são elementos imprescindíveis na contação de uma história, e “não é possível pensar nos elementos separadamente, pois um leva conseqüentemente ao outro” (BUSATTO, 2012, p.65). A voz evoca o gesto, e o gesto a voz, e ambos trabalham juntos para o bom aproveitamento da narrativa e para o enriquecimento do ouvinte. Segundo Coelho (1997) ao citar Alícia Prieto:

“[...]Todos os elementos são sugeridos pela voz e pela mímica do narrador, que esquece ‘seu’ rosto, dissimula ‘seu’ corpo, esquece ‘sua voz’, para converter-se, todo ele, em pincel e paleta, cor e som, forma e emoção. E a emoção chega aos pequenos.” (p. 52)

Empregar entonação às histórias, pura e simplesmente sem buscar perceber as intenções da história, as necessidades que ela sugere, as crises encontradas, os medos apresentados, as belezas mostradas, as aventuras vividas e as alegrias compartilhadas. Se nada disso for levado em consideração, de pouco vale a entonação do narrador, ou as expressões faciais e corporais que ele faz, tudo isso será superficial. Uma boa história não é feita de técnicas individuais, mas primeiramente da sensibilidade do contador, que sente a história, que se identifica com ela, que percebe suas nuances e que por conhecer a história, é capaz de empregar as técnicas nos momentos adequados e de forma harmoniosa.

Sobre isso há de se ter o cuidado de não confundir e exagerar nas técnicas de narração a ponto desta se transformar em encenação. A narração se diferencia do teatro pelo fato de que no teatro, ao apresentar um personagem, é necessário pensar e encenar suas características exatas, sua voz, suas perspectivas, seu jeito, de tal forma que o público acredite, de fato, estar diante dele naquele momento. Na narração não é assim, o personagem é apresentado por meio de algumas poucas palavras do narrador, que o introduz, expõe suas características básicas e deixa o resto para ser imaginado e pensado por cada ouvinte. O teatro apresenta ações concretas, enquanto que a narrativa as descreve” (BUSATTO, 2012, p. 74) e abre espaço para que o público torne concreto em sua imaginação tudo aquilo que está sendo ouvido. Cada qual do seu jeito, de acordo com suas histórias e experiências vividas.

Segundo Abramovich (1993), contar histórias é uma arte lindíssima, e é ela que equilibra aquilo que se ouve com o que se sente, e sendo assim não pode ser confundido com encenação ou declamação. É importante sim que o narrador utilize sua voz e seu corpo para incrementar e dar vida à história, entretanto existe um limite de até aonde ir na utilização desses recursos para que não comprometa a narração. Segundo Busatto (2012) a utilização de recursos teatrais vai:

“até o limite que preserve ao ouvinte a possibilidade de imaginar os personagens e as suas ações, sem determinar através de um corpo e uma voz como é aquele personagem, e qual é a ação que ele está executando” (BUSATTO, 2012, p.75)

Não tenho aqui a pretensão de dizer qual a melhor técnica ou melhor jeito de se contar uma história. Se em pé, se sentado, se é falando musicalmente, ou apressadamente. Cada contador há de encontrar o seu próprio estilo, sua forma, baseado em sua história de vida e suas experiências anteriores, “[...] pois são estas peculiaridades que farão a diferença” (BUSATTO, 2012, p. 89). Entretanto, tudo o que falo aqui neste capítulo, acerca de um contador que se coloca de corpo e alma na história, é por acreditar que essa postura do narrador no momento da contação é uma excelente forma de envolver a criança com a história e estimular nela o desenvolvimento de um pensamento imaginativo e criativo, que viaja por entre as palavras e se perde por entre os silêncios, criando suas próprias histórias, personagens e cenários.

### **1.3 Da interação contador-ouvinte: uma história não se conta sozinha**

Como vimos no tópico anterior a postura do contador frente a história tem fundamental importância para o sucesso da narrativa. Entretanto, esse sucesso não se resume somente a um conjunto de técnicas e recursos que poderão ser utilizados a fim de tornar a história mais agradável e divertida. Ela é fundamental também para envolver o ouvinte de modo que este mergulhe no enredo da história e se identifique tanto com a história quanto com o próprio narrador.

Segundo Busatto (2012) a identificação entre o contador e o conto que será narrado é de fundamental importância pelo fato de que por meio disso o contador estará mais propenso a se colocar de corpo e alma na história e assim gerar uma experiência compartilhada entre narrador, conto e ouvinte.

A ação do narrador se expressa no modo pelo qual ele constrói a narrativa de forma a envolver o ouvinte. “Se o contador vivencia o enredo com interesse e entusiasmo, ele estabelece sintonia com o auditório.” (COELHO, 1997, p. 50).

Diante dessa exposição do narrador recebemos a contrapartida dos ouvintes, que no momento da história, ao ouvir, ver e sentir tudo que tem sido experimentado naquele momento, é capaz de externalizar suas impressões por meio de seus comentários, expressões faciais ou corporais.

Sendo assim, não é somente a voz, o corpo e o rosto do narrador que está em constante atividade durante a contação de histórias, mas o ouvinte, de forma ativa, se posiciona na história também por meio desses elementos, demonstrando seus gostos e desgostos, suas aprovações ou reprovações, seus comentários ou silêncios, suas caretas ou sorrisos. Tudo isso faz com que narrador e ouvinte caminhem juntos no fluxo da história.

Essa caminhada se dá pelo fato de que ambos se deliciam e se divertem ao viajar, juntos, pelos enredos das histórias. O prazer de uma boa história não é restrito a quem a escuta, mas se estende a quem a conta, e a conta por amor. Como bem afirmou Busatto (2012), de uma forma, eu diria, bastante poética,

“Contar histórias é lançar um fio de prata do plexo solar que vai envolvendo o narrador à plateia, criando uma teia mágica, onde ambos se perdem de boa vontade, pelas tênues tramas da narração.” (p. 67)

Ao se permitirem isso, contador e ouvinte se perdem no rumo da história e essa caminhada conjunta faz com que o rumo da história seja construído mutuamente. Isso se dá pelo fato de que o momento de contação envolve sujeitos únicos e subjetivos, sendo eles o contador e os ouvintes. Sendo assim, não há como pensar em um compartilhamento entre as partes sem antes levar em conta as suas subjetividades e suas personalidades.

Segundo a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento, o sujeito humano se constitui por meio de sua subjetividade individual e social. Segundo Mítjans Martínez (2004) o aspecto individual da subjetividade se constitui pela categoria de sujeito, que se relaciona com os outros, vivencia emoções, toma decisões e constrói representações da realidade. Enquanto a subjetividade social está constituída pelos “processos de significação e de sentido que caracterizam os cenários da vida social [...]” (apud GONZÁLEZ REY, 2003, p. 205). Ou seja, a subjetividade é um sistema que se expressa ao mesmo tempo e de forma

interdependente tanto na dimensão social, quanto na individual, sem que essas duas esferas se contradigam.

Diante disso percebemos que em todo o momento o ser humano é influenciado e modificado por suas subjetividades individual e social, como também pelo contato e relacionamento com o outro, isso porque, a constituição do sujeito como tal “se trata de um processo permanente e inexoravelmente social de (re)invenção de si e que o “outro” é fundamento e expressão do próprio eu.” (ZANELLA, 2006, p.34).

Sendo assim, ao refletirmos sobre o momento da contação de histórias, levando em conta os sujeitos envolvidos, sua história de vida, sua condição de sujeito e sua subjetividade social e individual. Podemos perceber que uma história nunca será contada da mesma forma duas vezes, pois esta, estará continuamente sob a influencia de diversos fatores externos e internos ao contador.

Ao contar uma história o contador o faz sob a mediação de suas subjetividades e personalidade, levando em conta sua história de vida e sua condição de sujeito, ao fazer isso o narrador imprime personalidade a história “priorizando passagens que, de alguma forma, dialogam mais com seu íntimo” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.5), ressaltando valores e aprendizagens que mais lhe despertam. Sendo assim, a “cada vez que a história for contada, o contador contará de forma diferente, pois o ambiente, as pessoas e até mesmo o seu estado de espírito influenciarão em sua performance.” (Idem, Ibidem, p. 6).

Da mesma forma, uma mesma história nunca vai provocar os mesmos sentimentos nas diversas pessoas que a ouvem, isso se dá pelo fato de que cada ouvinte é único e dentro de si combina diversos sentidos subjetivos que combinam e transformam de forma singular os estímulos externos que recebe.

“Todo o fato ou experiência vividos pelo sujeito terão um sentido subjetivo produzido por meio dos recursos e das configurações de sentido que se atualizam no sujeito no momento de sua ação” (MARTÍNEZ, 2004, p.88)

Portanto, ao considerar isso, afirmamos que o transcurso da história é construído pelos sujeitos da ação no decorrer da história, sendo definida, nem somente pelo contador e nem somente pelos ouvintes. “É a história da vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar” (BUSATTO, 2012, p. 18).

Entretanto, não é somente o curso da história que está suscetível a mudanças e transformações. Mas o momento de compartilhamento entre os sujeitos e suas subjetividades pode implicar também uma transformação pessoal, atuando na formação de sua identidade. “A dimensão relacional do social é essencial na constituição da subjetividade individual. É por meio da relação com o outro que se vai constituindo a subjetividade individual.” (MARTÍNEZ, 2004, p. 87). Vemos então o momento da história como um momento de proximidade entre os sujeitos, nos quais ocorre uma relação de troca entre contador e ouvintes, “o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, levando-os a ser quem são” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.2)

Contar histórias é estar suscetível, é permitir ser tocado por quem ouve, mesmo que este não tenha a intenção de o fazer. Contar histórias é trabalhar com o inesperado, é ser surpreendido. Contar histórias tem mais a ver com uma troca mútua. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p.10), e eu diria até, as diferentes dimensões dos seres.

## **CAPÍTULO 2 - A NARRAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA DESPERTAR O IMAGINÁRIO E PROMOVER O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM**

No presente capítulo pretendemos discorrer acerca da imaginação infantil, tendo como perspectiva e principal fonte estimuladora a narração.

Abordaremos também a contação de histórias e sua relação com habilidades necessárias para o desenvolvimento infantil, tais como a fala, o desenho, a brincadeira de faz de conta e a escrita. Acreditamos que todas essas dimensões são altamente influenciadas pela prática narrativa e esta contribui fortemente para o desenvolvimento das mesmas.

### **2.1 Contação de histórias e sua pertinência para o imaginário infantil**

Entendemos por criação tudo aquilo que, com base nos nossos conhecimentos prévios, somos capazes de (re)formular, (re)combinar e (re)pensar para assim criar um produto novo. “É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação.” (VIGOTSKI, 2009, p.17).

Entretanto, para que sejamos capazes de fazer isso é necessário que primeiro tenhamos adquirido um bom arsenal de experiências anteriores. Sob essa ótica podemos afirmar que quanto mais tempo de vida uma pessoa tenha, quanto maior seja a complexidade de suas relações, suas experiências de convívio com o meio e com as pessoas, mais ampla será a potencialidade de sua capacidade imaginativa. Muito maior, por exemplo, do que a de uma criança. Sob essa perspectiva, Vigotski contradiz o pensamento comum que afirma que a infância é o período de vida no qual somos mais inventivos e imaginativos. Segundo ele:

A imaginação da criança, como está claro, não é mais rica, e sim mais pobre que a do homem adulto; ao longo do processo de desenvolvimento da criança, desenvolve-se também a sua imaginação, que atinge a sua maturidade somente na idade adulta.” (VIGOTSKI, 2009, p.44-45)

Sendo assim, afirmamos que a medida que envelhecemos e adquirimos cada vez mais experiências nos tornamos mais capazes de imaginar e criar, ou seja, as experiências são de essencial importância para o desenvolvimento da imaginação.

“Toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.” (VIGOTSKI, 2009, p.20)

Vigotski (2009) separa a relação entre a fantasia e a realidade em quatro itens, sendo dois deles itens que abordam a experiência. São eles: a experiência pessoal [vista e vivida pela própria pessoa] e a experiência alheia [ouvida e conhecida somente por meio de narrações ou descrições]. Reconheço a diferença de intensidade entre uma em relação e outra, entretanto ousou dizer que a atividade criadora não pode ser dividida dessa maneira de forma excludente, pois o segundo grupo [experiências alheias] necessariamente depende do primeiro [experiências pessoais] para existir. Acredito que só somos capazes de assimilar a experiência alheia com base no referencial que já possuímos de nossas próprias experiências. Dessa forma, fundimos aquilo que vimos, conhecemos ou sabemos com aquilo que nos é contado e apresentado. E a partir dessa combinação somos capazes de criar e imaginar.

Com base nessa interrelação entre experiências e imaginação, podemos chegar a uma conclusão pedagógica óbvia: devemos “ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação” (VIGOTSKI, 2009, p.23)

Para esse objetivo, acreditamos que a história é um instrumento riquíssimo, pois por meio dela somos apresentados a diversos personagens desconhecidos, a mundos novos, a sentimentos inéditos.

“É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Sendo assim, ao escutar a narração de histórias, as crianças são apresentadas a realidades totalmente novas, elementos ainda desconhecidos, personagens estranhos e isso sugere que elas se abram a imaginar aquilo que não foi vivenciado e a criar o que antes era inimaginado. Segundo Busatto (2012) seremos úteis à imaginação e a fantasia quando, por meio de contos fantásticos, perpetuarmos a existência de seres fantásticos e inexistentes, dando a eles vida e voz e permitindo que as crianças imaginem por si só a sua existência. Isso tem a possibilidade de acontecer pelo fato de que, “a história permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora” (COELHO, 1997, p.59).

A contação de história amplia a experiência da criança ao apresentar mundos, cotidianos, palavras, rotinas, diferentes daqueles que estão habituados. Sendo assim, a contação de histórias tem a possibilidade de ampliar a visão de mundo da criança e dessa forma aumenta-se também as suas bases para uma atividade criadora. Vigotski (2009) afirma que a atividade criadora depende da diversidade e amplitude das experiências anteriores da pessoa, “porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia” (p.22). Entretanto, a história também permite que a criança se aproprie da experiência ouvida como se fosse dela própria e a partir disso ela é capaz de imaginar e fantasiar. Sendo assim, a história tem o “poder” de ampliar a visão de mundo da criança, emprestando a ela experiências fantásticas e totalmente únicas.

“A imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humanos. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo como base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.” ( VIGOTSKI, 2009, p.25)

A história proporciona a possibilidade da criança ir além daquilo que vê e escuta. A partir dos sentimentos experimentados, dos elementos apresentados pela história, dos personagens que foram conhecidos e tendo também como base os seus conhecimentos prévios anteriores, é capaz de combinar tudo isso e criar algo novo, imaginar outras histórias, outras possibilidades e percursos ou até mesmo se projetar na história criando um mundo no qual ela é a protagonista que vivencia tudo aquilo de forma semelhante a história, porém, totalmente particular

Além de ser útil como fonte de experiência, a história também é muito útil pois inspira à imaginação. “[...] a história é importante alimento da imaginação” (COELHO, 1997, p.12). Isso porque a história, ao ser oralizada, não abre espaço para descrições minuciosas e detalhadas sobre tempo, espaço e personagens. Isso possibilita que tudo isso seja feito por meio da imaginação da criança que escuta. O contador não entrega pronto o vestido da princesa, mas deixa que a criança coloque nele quantas estampas quiser, quantas flores forem do seu agrado, quantas cores mais lhe convierem. “Ao narrar um conto se concede ao ouvinte a possibilidade de criar o seu cenário, a sua música e as suas cores” (BUSATTO, 2012, p.17).

E para isso a postura do contador tem real importância, pois seu corpo, sua voz, suas expressões servem para sugerir ao ouvinte aquilo que se passa na história. O contador não interpreta o personagem, sendo uma cópia fiel do mesmo,

mas simplesmente sugere! E assim deixa a entender a personalidade do mesmo, seu jeito, sua forma de fazer e pensar as coisas. E o responsável para construir esse personagem com base nessas sugestões é a própria criança que escuta a história. “Esta possibilidade de imaginar o espaço e o tempo onde ocorre a história nunca será a mesma, [...]. Ela será construída pela imaginação de cada ouvinte, logo será única” (BUSATTO, 2012, p.18).

Essa ação do contador é capaz de permitir que o ouvinte fantasie, imaginando e visualizando dentro da sua cabeça a história contada. Segundo Pereira (2012)

“ao incluir a contação de histórias no processo de leitura e escrita, espera-se aguçar o imaginário no aluno, pois, por não ver imagens, ele se torna capaz de fantasiar, de imaginar cada cenário e/ou personagem descrito pelo contador”(p. 6).

Tal processo estimula sua imaginação e criatividade, fazendo com que, além de escutar, ele se torne capaz de recriar, recontar e até mesmo se tornar autor de novas histórias.

Concluimos que a história narrada enriquece a criança e proporciona maiores oportunidades de desenvolvimento de um pensamento imaginativo e criador. Esse processo criador pode ser externalizado pela criança de diversas formas. Citaremos somente algumas delas, como a fala, o desenho, o faz de conta e a escrita. Essas atividades, por sua vez, são enriquecidas pela imaginação e conseqüentemente pela narração de histórias.

## **2.2 A fala, o faz de conta, o desenho e a escrita.**

A contação de histórias para as crianças podem trazer diversos benefícios para elas. Um desses benefícios é o, já citado, incentivo ao processo de imaginação infantil. Segundo Abramovich (1993)

“O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (p.23)

Pretendemos abordar os benefícios que a história traz para o desempenho cultural da criança, tratando sobre a fala, a brincadeira de faz de conta, o desenho e a escrita, analisando todos esses aspectos sob a perspectiva da contação de histórias, intimamente ligada à imaginação infantil.

### **a) Fala**

A fala é uma forma da criança interagir com o meio ao seu redor, e durante a narração não poderia ser diferente. Sendo assim, a fala aparece muitas vezes por meio de intervenções da criança, podendo ser expressa por simples comentários acerca da história, ou interrupções desconectadas com o enredo, o que demonstra a necessidade de comunicar-se com o adulto [fala social] e compartilhar suas ideias. Vigotski (1991) afirma que “Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas” (p.23). Por meio da socialização da fala demonstram que foram capazes de assimilar e internalizar o que está sendo contado e conversado.

Segundo Vigotski (1996) a fala exterior “consiste na tradução do pensamento em palavras, na sua materialização e objetificação.” (p.113) enquanto que a fala interior é aquela que interioriza-se em pensamentos. Entretanto, a fala do ouvinte não aparece somente na sua forma socializada, ou na sua forma interna, mas aparece também por meio de uma fala emocional ou egocêntrica. A fala egocêntrica é um fenômeno de transição entre a fala “para os outros” [externa] e a “fala para si mesmo” [interna], “da atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada” (VIGOTSKI, 1996, p.114).

A fala egocêntrica se mostra com maior clareza quando a criança se depara com situações de desafio, nesse momento se utiliza da fala para ser capaz de planejar sua ação a fim de superar a dificuldade que surgiu (VIGOTSKI, 1991).

À medida que a criança se desenvolve, a sua fala também passa por um processo de amadurecimento. A fala egocêntrica, geralmente, se apresenta na criança entre os três e os sete anos, sendo os três anos um período de pouca diferenciação entre a fala social e a fala interna, e os sete anos um momento no qual a fala egocêntrica vai adquirindo uma forma estrutural mais desenvolvida e portanto afasta-se aos poucos da fala exterior; isso faz com que o aspecto vocal desapareça gradualmente também. Porém, isso não significa que a fala egocêntrica desapareceu, mas significa que ela foi interiorizada (VIGOTSKI, 1996)

“A decrescente vocalização da fala egocêntrica indica o desenvolvimento de uma abstração do som, a aquisição de uma nova capacidade: a de “pensar as palavras”, ao invés de pronunciá-las” (VIGOTSKI, 1996, p.116)

No momento da narração, a fala egocêntrica pode ser observada, por exemplo, quando a história está em seu clímax e o enredo deu uma reviravolta apresentando uma situação de dificuldade para a criança, pela necessidade que tem de se organizar mentalmente, assimilando todo aquele contexto e como uma forma de reagir a isso, a fala egocêntrica da criança aparece e dessa forma, mesmo que discretamente, interage com a história sendo capaz, até mesmo, de transformar o seu curso.

Coelho (1997) incentiva os contadores a proporcionar às crianças momentos específicos para que sejam provocadas a falar, sendo que esses momentos ocorreriam no início, como uma forma de introdução do conteúdo da história, permitindo que as crianças falem livremente sobre a temática e assim se predisponham para escutar no momento seguinte. “Isso facilita também a identificação e a integração da mensagem” (COELHO, 1997, p. 47). E no final, não necessariamente com o objetivo de interpretar a história e nem propor lições de moral, mas para ouvir das crianças suas próprias inferências, conflitos, gostos, pois, “comentar, ao que parece, prolonga o deleite, conduz a novas leituras da trama, dos personagens, a uma compreensão mais nítida e esclarecedora” (p.57). Proporcionando a elas esse momento de socializar aquilo que foi internalizado.

#### **b) Faz de conta**

As brincadeiras de faz de conta ajudam as crianças a dar sentido a suas vivências e experiências, ajudam-nas a internalizá-las e compreendê-las em sua totalidade. Segundo Linn (2010), a brincadeira de faz de conta combina duas características particularmente humanas, como a imaginação e a necessidade de dar sentido às experiências vividas. Ao falar de imaginação ela se refere aos devaneios e histórias que podemos compartilhar ou não com os outros a nossa volta, e que tem o poder de dar forma ao futuro, reformar o passado, tornar possível novas coisas e ilustrar poderosos sentimentos. Ao falar de dar sentido, Linn (2010) se refere “ao impulso de refletir e lidar com informação e eventos de forma que tenham significado para nós” (p.28).

De acordo com essa definição, podemos fazer um paralelo com a experiência de contação de história sendo refletida na brincadeira de faz de conta. Ao escutar a história a criança é, muitas vezes, confrontada por diversos sentimentos, conflitos trazidos pelos personagens e pelos acontecimentos, desafios que a criança tem que

superar. Segundo Abramovich (1997) as histórias falam de “aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas, sofrências [...]” (p.98). Essa exposição a tantas situações ajuda a criança a, de forma lúdica, compreender melhor o mundo ao seu redor, e como bem disse Abramovich (1997) a criança, por meio da história, vivencia “[...] descobertas que outros enfrentam, para poder compreender melhor a sua própria” (p.98)

Essas provocações causadas pela história, muitas vezes, precisam ser digeridas e internalizadas pela criança. Para isso a importância do faz de conta se faz sentir, pois, por meio da fantasia a criança pode se projetar em uma situação imaginada, vivida por ela ou apresentada a ela, para que essa vivência seja apreendida e compreendida; para que adquira um sentimento de domínio sobre as experiências de vida (LINN, 2010) e em contato com a história apresentada.

É importante se ter em mente que a criança, ao brincar, não reproduz simplesmente aquilo que viu ou ouviu, mas ela recria as situações, colocando as suas características e o seu jeito, de acordo com sua subjetividade e necessidades pessoais. Segundo Vigotski (2009)

“A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseadas nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança.”(p. 17)

As brincadeiras têm sim, muitos elementos de experiências anteriores, como por exemplo as histórias ouvidas, como acabamos de comentar; entretanto, esses elementos não são apresentados como uma reprodução fiel, mas de forma altamente individualizada: “o faz de conta de cada criança é único – como impressões digitais.” (LINN, 2010, p.27).

Por meio do faz de conta, a criança tem grandes possibilidades de exercitar seu pensamento abstrato, sua imaginação e sua criatividade. “Todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação.” (VIGOTSKI, 2009, p.17)

Sendo assim, podemos ver a história como rica fonte de suporte imaginativo, pois por meio das histórias são encontrados ricos cenários, personagens diversos, tempos distintos, climas desconhecidos, lugares que não foram visitados, ensinamentos que ainda não tinham sido apresentados, [...]. “Esta é a grande magia das histórias, viajarmos para lugares nunca imaginados, sem sair do lugar” (BUSATTO, 2012, p. 63). Tudo isso enriquece a criança que tem a possibilidade de

viajar por todos esses lugares por meio de sua imaginação e por meio de sua brincadeira de faz de conta, se colocando no papel da princesa, do rei, da bruxa ou de quem quer que tenha se identificado mais.

### **c) Desenho**

Diversos teóricos (LUQUET, 1927; MEREDIEU, 1974; VIGOTSKI, 2009) estudiosos do desenho analisam o grafismo infantil sob uma ótica evolutiva, delimitando estágios para o desenvolvimento do mesmo. Antes de adentrarmos nesses processos é importante lembrar que cada criança é única e tem uma subjetividade própria e totalmente particular. Sendo assim, é importante considerar que cada criança passa por essas etapas de maneira singular, podendo passar por evoluções inesperadas ou regressões. Meredieu (1974) explica que essa evolução se dá por etapas e que as crianças podem regredir a um estágio anterior do grafismo por causa, por exemplo, de um distúrbio profundo ou uma crise passageira. Se uma criança zangada rabisca com energia o seu desenho isso aponta muito mais para o seu estado de irritação do que para suas habilidades atuais para desenhar.

Vigotski (2009), ao falar sobre o desenho, não dá muita atenção às garatujas e rabiscos infantis, mas começa sua análise no estágio dos esquemas, no qual a criança faz representações do desenho ainda muito distantes da realidade. Nessa fase, a criança desenha usando por base a sua memória, representando aquilo que sabe e não necessariamente aquilo que vê. “Ela desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial, e não aquilo que vê ou o que imagina sobre a coisa” (VIGOTSKI, 2009, p. 107).

Pensando sobre isso, lembramo-nos da contação de histórias e o seu poder de ampliar o arsenal imaginativo da criança. Segundo Torres e Tettamanzy (2008) a literatura oral tem a capacidade de ampliar a leitura de mundo de quem a ouve com frequência. Isso possibilita que a criança se inspire para o desenho, atividade do cotidiano infantil e igualmente essencial para o seu desenvolvimento cultural.

Tal relação proporciona uma ampliação das experiências infantis, bem como um maior número de memórias compartilhadas com a criança e que ficam disponíveis para serem usadas no desenho.

As histórias também são ricas em imagens verbais, e por não abrirem espaço para muitos detalhes, tornam-se um campo rico para a imaginação infantil. Segundo Busatto (2012) nos contos a nossa imaginação encontra um campo fértil, pois estes

são breves e econômicos e cabe à imaginação dar continuidade à narrativa. Isso enriquece a ação de desenhar pelo fato de que incentiva a pensar nos detalhes implícitos à história, aos detalhes totalmente pessoais e agregados pela própria criança. Assim, por meio do desenho ela tem a possibilidade de expressar tudo isso de forma particular.

#### **d) Escrita**

A contação de histórias tem real influência no gosto pela leitura e escrita, em especial na criança pequena que está em um período de aquisição da linguagem escrita. Isso se dá pelo fato de que, se a criança é verdadeiramente envolvida pelas histórias contadas a ela, se ela se sente provocada pelo enredo, e tem o seu imaginário despertado, então provavelmente também se interessará em descobrir essas histórias e se envolver com elas, mas dessa vez por meio da leitura. “Se elas as escutam [as *histórias*] desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.” (COELHO, 1997, p.12; grifo nosso)

Sendo assim, a contação de histórias se torna um rico instrumento para introduzir a criança no mundo das letras de forma lúdica e prazerosa e que possibilite gerar diversos benefícios para seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Segundo Abramovich (1993)

“é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias ...Escuta-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.” (p.16)

Outro benefício que destacamos na relação entre as histórias e a escrita infantil é a rica possibilidade de apresentar para a criança novos gêneros textuais, novas palavras, ampliando assim o seu conhecimento sobre a escrita e também o seu vocabulário. Segundo Pereira (2012), a contação de histórias constitui uma oportunidade valiosa ao desenvolvimento do vocabulário e ao contexto verbal das histórias

Para a criança pequena em processo de alfabetização, compreender que a linguagem escrita possui, para a maioria das crianças, essa intensa e indissociável relação com a linguagem falada tão dominada por ela, é de extrema importância.

“A compreensão de que a escrita representa os fonemas, ou seja, os sons da fala, requer a habilidade por parte do alfabetizando de refletir e manipular esses sons. As pesquisas vêm apontando que tal habilidade, denominada de

consciência fonológica, é um dos fatores que concorrem para a aprendizagem da leitura num sistema alfabético” (SANTOS, 2004, p. 15).

Entretanto, essa associação, apesar de ser essencial para a aquisição e compreensão da escrita alfabética, não é única e nem deve ser conquistada de forma mecânica ou isenta de significados, mas deve vir acompanhada da bagagem de experiências da própria criança e de mediações lúdicas e pessoais, na qual o outro exerce fundamental importância, oferecendo e mediando a conquista de repertórios culturais e auxiliando para que a criança seja capaz de relacionar seus conhecimentos e habilidades existentes com as novidades que estão sendo apresentadas a ela.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos e constantemente estimularmos a linguagem oral das crianças, pois isso favorecerá sua alfabetização e letramento, ajudando-a a ter um repertório oral suficiente para a sua escrita. Sobre esse aspecto, as narrações constantes são muito úteis.

“nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 18)

As histórias contadas contribuem para a aquisição da leitura. Os altos e baixos empregados pela voz do narrador, as rimas, os ritmos, as pausas, as acelerações e as diferentes entonações de voz utilizadas fazem com que a criança se familiarize com os sons das palavras, das sílabas, das frases, dos textos. Reforçam também aspectos básicos da escrita de um texto, fazendo com que a criança compreenda a fluidez do texto que contém início, meio e fim, formando assim um “padrão de acontecimentos” (MACHADO; ROCHA, 2011, p. 14).

Mais uma vez reafirmo os inúmeros benefícios gerados pela narração de histórias, como temos visto no presente capítulo. Entretanto, acredito ser necessário reforçar que a narração de histórias deve ter como objetivo primário o desejo de entreter, divertir e gerar prazer. Podemos, e devemos, ter uma intencionalidade educativa no momento da contação, mas nunca devemos nos esquecer que “contar histórias é, em todas as fases, **entretenimento**.” (COELHO, 1997, p.49; grifo nosso).

## CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

A abordagem escolhida para o presente trabalho foi a de pesquisa qualitativa, por considerar, dentre outros aspectos, o “Caráter interativo do processo de produção do conhecimento [...], o significado da singularidade como nível legítimo de produção de conhecimento” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.34-35), assim como a complexidade dos processos envolvidos no âmbito da mediação na contação de histórias e seus processos imaginativos.

- **Método e instrumentos**

Utilizamos o método da pesquisa-ação conforme René Barbier (2007). Esse método tem por princípio a investigação do pesquisador em seu ambiente de atuação, no qual o próprio pesquisador é aquele que se coloca na posição de quem observa o outro com olhar atento, ao mesmo tempo que se coloca na posição de sujeito, observando sua própria ação. “A pesquisa-ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento.” (BARBIER, 2007, p.59)

Sendo assim, me coloquei no papel de pesquisadora, observando como as crianças escolhidas (sobre quem falaremos a seguir) interagem com a história e como esta pode despertar nelas processos imaginativos e de desenvolvimento, e também como sujeito ativo no curso da pesquisa, pelo fato de ser eu aquela que se propõe a utilizar métodos e técnicas para contar histórias, bem como utilizar os recursos vocais e corporais para enriquecer a história e estabelecer uma sintonia com os ouvintes.

Nesse contexto, sou também a pessoa que se dispõe a se comunicar com os ouvintes, estabelecendo relação com eles, se propondo a caminhar conjuntamente no curso das histórias e da pesquisa. Percebemos que, no decorrer da pesquisa, a comunicação entre o pesquisador e o sujeito é essencial para oferecer ao sujeito um espaço no qual se sinta à vontade para expressar suas subjetividades e singularidades, de modo que se posicione de forma ativa e interativa frente a pesquisa. “O objetivo da pesquisa [...] é um sujeito interativo, motivado e intencional,

que adota uma posição em face das tarefas que enfrenta.” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.53)

Durante a pesquisa, eu, como pesquisadora, busquei estabelecer um ambiente acolhedor de afeto e mutualidade com as crianças, para que estas se sentissem à vontade para expressar suas ideias e pensamentos. Reconhecemos, portanto, que ao estabelecer esta linha metodológica, muitas vezes imprevistos acontecem, a situação escapa daquilo que foi planejado, mas percebemos que até mesmo o imprevisto nos surpreende com situações repletas de sentidos subjetivos.

O meu contato com as crianças já existia de forma anterior a pesquisa, pelo fato de que fui contratada pela família para trabalhar com as crianças no contraturno da escola como professora, realizando contação de histórias e estimulação pedagógica por meio de atividades diversas. Isso facilitou a minha ação como pesquisadora.

A minha atuação com eles se dava em um período de quatro horas diárias, sendo que ocorriam, em geral, duas vezes por semana. Normalmente realizávamos um momento de contação de história e depois desenvolvíamos atividades e momentos de brincadeira e descontração.

Para o sucesso da contação de histórias, no início buscamos estabelecer combinados para nossa convivência, como por exemplo a possibilidade de ficar com brinquedos (geralmente bonecas e ursos de pelúcia que são levados a escutar a história conosco) durante a história, contanto que não brincassem com eles, se distraíndo do que é o principal no momento. Criar um ambiente acolhedor, com lençóis forrados, colchões, posições confortáveis e o vínculo aberto para que participassem como quisessem, buscando, sempre que possível, estabelecer momentos de diálogo antes e depois da história, e como previsto, comentários referentes à narração que estava sendo feita. Em suma, desenvolvemos um ambiente dialógico, considerando que

“O diálogo não representa só um processo que favorece o bem estar emocional dos sujeitos que participam na pesquisa, mas é fonte essencial para o pensamento, e portanto, elemento imprescindível para a qualidade da informação produzida na pesquisa.” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.55)

Reconhecemos, também, que os momentos informais da pesquisa são também de extrema importância, pelo fato de que somos incapazes de prever as ações dos sujeitos. “A informação que aparece nos momentos informais da pesquisa é tão legítima como a procedente dos instrumentos usados.” (Idem, Ibidem, p.57)

Sendo assim, exercitamos durante a pesquisa-ação a escuta sensível, buscando estar atento a todos os momentos de contato com as crianças, percebendo não só aquilo que é falado, como também aquilo que é sentido, feito, expressado, silenciado. “A escuta sensível é a sensibilidade de captar o que não foi dito, mas que pôde ser compreendido, percebido através da sensibilidade do ouvinte.” (CERQUEIRA; SOUSA, 2011, p. 22)

Portanto, adotamos como instrumentos de pesquisa a escuta sensível, a observação participativa e a gravação em celular, com o objetivo de registrar, com precisão, as falas e diálogos que ocorreram no momento da contação de história e da atividade elaborada; e o diário de bordo (BARBIER, 2007), a fim de registrar as percepções do pesquisador sobre sua própria ação, as imagens não registradas em áudio, os gestos observados e os sentimentos percebidos.

A cada dia de observação, uma história, previamente selecionada e estudada por mim, era contada às crianças. Conversávamos sobre a história e em seguida fazíamos alguma atividade, geralmente relacionada ao desenho ou faz de conta. Entretanto, com frequência, por demanda das crianças, era necessário mudar o cronograma, alterando aquilo que havia sido planejado para o dia.

- **Caracterização do ambiente**

A pesquisa foi realizada em três ambientes, sendo eles a casa de Cauê e Carla, a casa de Juliana e Davi e a casa da avó das quatro crianças. Geralmente nas quintas-feiras eu atuava na casa de Cauê e Carla e nas sextas-feiras na casa da avó, entretanto, algumas vezes essa ordem era modificada e íamos para a casa de Juliana e Davi.

**Carla e Cauê** vivem em um apartamento de dois quartos, uma cozinha, uma área de serviços, um banheiro, uma sala espaçosa com dois sofás, uma mesa para refeições e uma grande varanda. Entretanto, quando estou com as crianças nós só podemos ficar na sala, onde utilizamos a mesa para fazer atividades escritas e de desenho, e na varanda, local no qual geralmente as histórias são contadas, e as brincadeiras realizadas.

A varanda é espaçosa, e o chão é forrado com um tatame, tem uma estante de brinquedos e uma barraca com um colchão dentro e almofadas, fora da barraca tem outro colchão. Geralmente no momento da história as meninas pegam as

bonecas e se sentam em um colchão para que suas filhas também escutem a história e para que depois possam brincar de faz de conta, e os meninos pegam ursos de pelúcia e se sentam em outro colchão.

A casa de **Juliana e Davi** é bastante espaçosa, composta por quatro quartos, três banheiros, uma cozinha, uma sala bastante espaçosa e uma varanda pequena. Apesar da casa ser maior, quando as quatro crianças se reúnem, o espaço destinado a elas, a varanda, é bastante restrito. Isso faz com que elas fiquem bastante agitadas no decorrer da manhã, tornando o trabalho mais difícil. No momento da história, geralmente, forramos o chão com um lençol e todos se acomodam sobre ele, eu me sento na frente deles e assim o momento de contação de histórias acontece.

A casa dos avós é composta por três quartos, sendo que um foi transformado em escritório, dois banheiros, uma cozinha, uma sala espaçosa, um depósito onde se guardam os brinquedos das crianças. A sala é inteiramente equipada para receber as crianças, com diversos brinquedos, almofadas, cadeirinhas para o almoço, ou para que realizem atividades como desenho e escrita. Geralmente quando estão lá a avó desce com as crianças, levando-as para baixo do prédio para brincar com diversas atividades. Raramente quando estou lá consigo desenvolver uma atividade de contação de histórias de qualidade, pelo fato de que, a pedido da avó, as histórias são contadas durante o almoço, momento em que as crianças ficam mais dispersas, pedindo comida, ou quando a avó ou a babá estão oferecendo algo ou repreendendo alguma atitude de algum deles. Isso faz com que o momento de contação de histórias seja prejudicado.

- **Caracterização dos sujeitos**

A pesquisa foi realizada com quatro crianças, sendo elas, duas meninas, Juliana [5 anos] e Carla [5 anos], e dois meninos, Cauê [4 anos] e Davi [3 anos]. Carla e Cauê são irmãos e primos de Juliana e Davi, que também são irmãos. Os nomes das crianças que foram utilizados nesse trabalho são fictícios a fim de que o sigilo seja mantido e a identidade dos pesquisados seja preservada.

As crianças têm boas condições sócio econômicas, estudam em uma escola renomada no turno vespertino e na parte da manhã ficam sob os cuidados das

babás, professoras contratadas ou dos avós. São crianças muito inteligentes, bastante estimuladas sob o ponto de vista cognitivo e pedagógico. As brigas entre eles são frequentes, têm dificuldades de dividir e de abrir mão de sua própria vontade em favor do outro, o que é demonstrado de forma especial durante o momento da brincadeira.

As meninas estão sendo alfabetizadas na escola e portanto têm bastante interesse pela escrita. Gostam muito de atividades de desenho, montagem e colagem. E se interessam especialmente por brincadeiras de faz de conta de “mamãe e filhinha” e “escola”.

Os meninos são mais dispersos, gostam de desenhar e de brincar com carrinhos e super heróis.

Raramente os quatro brincam juntos, normalmente as meninas ficam juntas brincando de alguma coisa e os meninos brincam de outra. Geralmente quando preparo alguma atividade para eles, somente alguma das duas duplas se interessa e engaja na atividade, raramente consigo envolver os quatro de uma vez.

Apesar das diferenças de gostos e jeitos, as quatro crianças gostam muito de histórias, sempre ficam ansiosos para saber o que tem dentro da “bolsa da surpresa” que sempre levo contendo uma história e outras atividades. No decorrer do meu tempo de atuação com eles, encontramos algumas formas de ouvir a história de forma mais agradável e fizemos alguns combinados para o bom andamento da história. Geralmente eles cumprem os acordos durante a história, participando bem e interagindo comigo.

Davi é o mais inquieto, muitas vezes não se senta, anda durante o momento de contação, mexe com os outros, entretanto, com o tempo, percebi que ao mesmo tempo é o que mais faz comentários pertinentes e referentes à história.

Nos meus dias de atuação com as crianças nunca fico sozinha com eles, portanto existem sujeitos que, mesmo indiretamente, influenciam no desenvolvimento da pesquisa. Quando estou na casa de Juliana e Davi eles estão sob os cuidados de uma empregada e uma babá, que muitas vezes entram em ação, interferindo na minha atuação. Na casa de Carla e Cauê também somos acompanhados por uma babá. Na casa dos avós, somos influenciados pelos avós e pela babá de Carla e Cauê, que os acompanha.

Como último sujeito da ação falo de mim, pesquisadora e sujeito da pesquisa. Trabalho com as crianças supracitadas desde Julho de 2015, realizando atividades

pedagógicas e contando histórias. Pelo fato de trabalhar com eles anteriormente à iniciação da pesquisa, já havia um vínculo afetivo estabelecido.

Sou uma aspirante, inexperiente e apaixonada pela contação de histórias. Aprendendo na prática, a cada semana, aquilo que abordei na teoria desse trabalho.

## **CAPÍTULO 4 - ERA UMA VEZ QUATRO CRIANÇAS... E UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS**

O presente relato reflexivo incide em uma proposta de intervenção pedagógica realizada com as crianças já apresentadas. Em nossa prática buscamos sempre levar uma contação de histórias bem como atividades diversas relacionadas a histórias. Os relatos estão divididos em ordem cronológica e nossas atividades foram norteadas pelos itens do tópico 2.2 – a fala, o faz de conta, o desenho e a escrita.

**Data** – 1/10

**Local** – Casa de Carla e Cauê

**História** – Os cisnes selvagens

**Recurso utilizado** – Livro da história “Meu tesouro de histórias de cinco minutos”. Autor: Hinkler Books.

**Tipo de Registro** – Diário de bordo

**Resumo** – Os filhos de um rei foram enfeitados por sua madrasta e viraram cisnes selvagens. Para libertá-los, sua irmã teria que tecer roupas de urtigas para cada um deles, e enquanto fazia isso não poderia falar e nem rir.

### **NARRATIVA E REFLEXÕES**

Quando cheguei, Juliana e Davi ainda não tinham chegado, então comecei a contar histórias de um livro escolhido pela mãe para Carla. Quando ainda estava no início, Juliana chegou e pediu para que eu recontasse. Comecei a ler histórias de conto de fadas de um livro da casa. Uma das histórias que contei era a do “Os cisnes selvagens”.

Pelo fato de estar com o livro nas mãos, não consegui me aproveitar dos movimentos para enriquecer a história, entretanto sempre que podia modificava minha voz e expressão facial para tentar fazer isso.

Eu e as meninas estávamos sentadas no colchãozinho. Uma de cada lado e eu no meio com o livro no colo, lendo e contando. Em muitos momentos, enquanto eu contava, percebi que ao invés de olhar para o livro ficavam olhando pra mim, para ver as expressões faciais que fazia e perceber a voz com maior clareza.

De acordo com Bortolin (2010), por meio dos olhares e das expressões faciais o narrador exprime os sentimentos da narrativa e dos personagens. A abertura exagerada dos olhos ou o seu fechamento, um olhar entristecido, o olhar distante como se procurasse algo, a boca entreaberta e os olhos arregalados como quem toma um susto “são marcantes e estreitam a relação leitor-narrador e leitor-ouvinte.” (p.190)

Portanto, acredito que, apesar de não ter sido possível utilizar os gestos e o corpo como um todo, as expressões faciais e a modulação da voz foram suficientemente úteis para despertar a curiosidade e estabelecer uma sintonia com as meninas-ouvintes.

Por diversas vezes elas mudavam de posição. A fim de encontrar a melhor posição pra se escutar a história, em alguns momentos elas apoiavam a cabeça no meu ombro e se juntavam bem perto de mim para ouvir. Penso na contação de histórias como um momento de conforto, aconchego e, como já falamos no capítulo “relação contador-ouvinte: uma história não se conta sozinha” como uma oportunidade de buscar um envolvimento entre contador e ouvinte. Segundo Busatto (2012):

“Contar histórias pressupõe este envolvimento com o ouvinte, este calor transmitido com a palavra revelada, e que só acontece quando estamos próximos um do outro” (BUSATTO, 2012, p.72)

Quando acabei a história fiz uma pergunta a Juliana, e ela se manteve calada. Não respondia e fazia bico pra mostrar que estava de boca fechada. Interliguei a ação dela com a história que havia acabado de contar e provoqueei, perguntando se ela estava costurando uma roupa de urtiga e por isso não podia falar. Ela segurou o riso e continuou calada. Carla começou a fingir que costurava e também calada. Fiz uma pergunta a ela, que colocou a mão na boca. Comecei a imitá-las, costurando com os lábios cerrados. Carla terminou a costura e a jogou em

cima de mim, dizendo que estava me libertando. Sendo assim, fingi ser um cisne e depois fui transformada, se antes balançava os braços imitando o movimento das asas do cisne, fingindo voar agora havia voltado a falar e a me mover como um humano. Juliana continuou calada.

"... o encantamento provocado pelos contos, acredito mesmo que esta liberdade em imaginar, dar vida a minha história, seja um dos fortes motivos de prazer e de satisfação que ele proporciona." (BUSATTO, 2012, p. 19).

A história que foi ouvida provocou nas meninas uma brincadeira de faz de conta, na qual elas se colocavam no lugar da personagem, realizando os mesmos atos que ela, dando vida à história que acabavam de escutar, entretanto o faziam à sua maneira, "falando" por meio do silêncio e do gesto.

**Data** – Processo vivido em 3 dias diferentes. 11/8 – 20/8 – 9/10

**Local** – Casa de Carla e Cauê

**História** – Os três porquinhos

**Recurso utilizado** - Máscaras dos porquinhos e do lobo, lençóis e brinquedos do parquinho

**Atividade** – Brincadeira de faz de conta e contação de história

**Tipo de Registro** – Diário de bordo

**Resumo da história** – Os três porquinhos resolveram construir suas casas para se protegerem do lobo. O porquinho mais novo construiu a casa de palha, o do meio construiu a de madeira e o mais velho construiu uma casa de tijolos. O lobo queria comer os porquinhos e por isso soprou as casas e derrubou as duas primeiras casas, entretanto a última ele não conseguiu. Teve a ideia de descer pela chaminé, mas é surpreendido por uma panela de água fervente, e quando ele desce é queimado e sai correndo. Dessa forma os porquinhos conseguiram se proteger do lobo e viveram felizes para sempre.

## **NARRATIVA E REFLEXÕES**

No dia 11/8, por demanda das próprias crianças, nós brincamos de três porquinhos. Estendemos dois lençóis no chão para que fossem as casas dos porquinhos (porque ninguém queria morar na casa de palha, então fizemos com

apenas duas). Cada dupla de criança (meninas e meninos) moravam em uma das casas e eu era o lobo que batia nas portas, soprava até que desmoronasse e depois, quando não conseguia mais soprar, pulava pela chaminé e me queimava na panela de água fervente.

Nós repetimos essa cena por diversas vezes, e cada vez elas eram um personagem diferente. Na semana seguinte desse acontecimento levei três orelhas de porco, três narizes e uma máscara de lobo e contei a história dos três porquinhos. Durante a contação dessa história, a cada vez que um personagem aparecia eu colocava a máscara referente a ele, me fantasiando do personagem, fazia vozes de raiva quando o lobo falava, vozes amedrontadas dos porquinhos, fazia expressão de susto, raiva, medo, e por fim alegria, quando os porquinhos escapam das garras do lobo. Ao final emprestei as máscaras para as crianças para que brincassem e me contassem a história.



**Figura 1** – Os três porquinhos e o lobo

Procurei contar a história com bastante emoção e entusiasmo, usando meu corpo, voz e expressão como uma extensão da história e me utilizando dos recursos visuais [máscaras] para colorir a história. Busatto (2012) ao citar Zumthor (2001), afirma:

“Este ato pede performance, corpo e voz em movimento, atitude poética para expressar um texto, transformando-o numa obra, e assim envolvendo o sujeito-ouvinte que se torna o receptor de uma manifestação artística (p.81)

As crianças ficaram bastante interessadas e focadas, até mesmo Davi, o mais novo, que raramente se concentra nas histórias, ficou um bom tempo prestando atenção.

Em um dado momento, quando o lobo foi apresentado na história e conversava com o primeiro porquinho dizendo que sopraria sua casa caso não abrisse, Davi se levantou e começou a uivar e rosnar feito um lobo, arrastava o pé no chão como se estivesse se preparando para correr.

O interessante é que na semana anterior, quando brincávamos de faz de conta, em um dado momento seus primos disseram que ele seria o lobo e insistiram para que ele o fosse, entretanto ele não quis fazer esse personagem, chegando quase a chorar para não o ser.

Podemos perceber que, por meio da história dos três porquinhos, Davi se deparou com o lobo como personificação do medo e a partir disso teve a oportunidade de enfrentá-lo. Segundo Abramovich (1993), a história nos proporciona compartilhar sentimentos diversos, pois através dela, de suas reviravoltas e de seus personagens, podemos experimentar a raiva, o medo, a alegria, a irritação, o bem-estar, e tantos outros sentimentos. A partir dela podemos viver profundamente tudo que a narrativa provoca em nós, podemos “ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários” (ABRAMOVICH, 1993, p.17)

No dia 9/10 fui a casa das crianças, entretanto nesse dia não tive a oportunidade de contar nenhuma história, pois descemos para um passeio com a avó. No passeio fomos para um parquinho que tinha uma casinha, ao chegar lá todos entraram na casinha e se fecharam rapidamente dizendo que eu não poderia entrar lá. Logo me remeti à lembrança da história dos três porquinhos, sendo assim saí correndo em direção a casa e quando cheguei rosnei como um lobo e fingi que entraria. Todos se encolheram dentro da casa, rindo da brincadeira e seguraram a porta e as janelas para que eu não entrasse.

Sempre que eu saía de perto deles me provocavam para que eu voltasse, dizendo que as portas estavam trancadas, que o lobo não entraria lá, que a casa era de tijolos e eu não conseguiria soprar. E então utilizamos os personagens e o contexto da história para inventar a nossa brincadeira de faz de conta.

Segundo Coelho (1997) “ela [a história] permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora” (p.59). Diante do processo que acompanhamos ao longo desses três dias podemos confirmar isso, ao atestar que a história contada permanece na mente da criança e ela, de forma única, em contato com sua subjetividade e em contato com o grupo, transforma aquela

história em imaginação e criatividade, criando histórias, ou modificando o enredo da forma que lhe parecer mais conveniente.

No decorrer da brincadeira, sempre que alguma criança saía da casinha eu corria atrás dela dizendo que iria devorá-la e logo elas retornavam. Em um dado momento Cauê e Davi começaram a colocar a mão para fora da casinha, dizendo que estavam me dando comida, e quando eu comia, riam e diziam que era aranha, ou meleca.

Diante disso percebo que ambos, de acordo com suas peculiaridades, estavam se utilizando de recursos criados por sua imaginação a partir da história para encontrar formas diferentes de enfrentar o lobo e de escapar de serem devorados, vencendo o lobo de alguma forma.

Coelho (1997) fala que a história “permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com esperança” (p.12). Sendo assim, as crianças, ao se identificarem com a situação, buscavam novas formas de superá-la e no contexto observado percebemos que elas utilizaram da brincadeira de faz de conta para realizar esse feito. Linn (2010) afirma que quando as crianças tem tempo e oportunidade voltam-se espontaneamente para a brincadeira de faz de conta como uma maneira de compreender o mundo que as cerca, lidar com as adversidades, experimentar e ensaiar novos papéis sociais. Usam a brincadeira como uma ferramenta de cura, autoconhecimento e crescimento.

**Data** – 8/10

**Local** – Casa de Juliana e Davi

**Intencionalidade** – Conversar sobre sonhos e desejos

**História** – Pé de Poesia

**Recurso utilizado** – Livro da história “Pé de poesia”. Autor: Wilson Pereira.

**Atividade** – Roda de conversa

**Tipo de Registro** – Diário de bordo e gravador

**Resumo** - A história conta sobre um menino que achava que tudo que existia vinha das árvores, e por meio de versos de poesia inventa diversas plantas de tudo que

existe de bom.

## **NARRATIVA E REFLEXÕES**

Enquanto estavam fazendo a atividade preparada pela mãe, eu disse que assim que acabassem iria contar uma história. Na hora da história, Juliana abriu a gaveta e pegou um lençol pra que eles sentassem em cima. Ela estendeu e todos se sentaram.

Geralmente durante a história Davi fica bastante agitado e quase nunca se senta para ouvir. Hoje, quando a história foi anunciada, logo começou a choramingar, querendo ir para fora falar com a babá. Quando consegui fazê-lo ficar sozinho (sem a babá) na varanda pra escutar, ele ficou levantando e andando pela varanda sem se importar com a história.

Para introduzir, travei com eles uma conversa sobre sonhos, perguntando se haviam sonhado durante a noite, se sonhavam acordados. Carla disse que havia sonhado comigo pequenininha brincando no parquinho e depois cresci e tive um bebê; em outro momento me confessou que não havia sonhado de verdade, mas era um sonho acordado. Depois desse momento de conversa disse que lhes contaria a história sobre um menino que adorava sonhar acordado e pensar em um montão de coisas que ele queria que acontecesse...

Durante a contação, em alguns momentos fui interrompida pelos comentários das crianças. Como por exemplo:

No meio da história fala que o menino queria um pé de pé-de-moleque.

Carla: Eu gosto de pé de moleque

Davi: Eu também gosto de pé de moleque (estava em pé longe do grupo mexendo em outra coisa, mas mesmo assim estava prestando atenção)

Juliana: Mentira Davi, você nunca nem comeu pra saber se gosta.

Davi: Comi siiiiim!

Carla: Eu gosto de pé de moleque e até de paçoquinha.

Layla: Eu também gosto, mas eu prefiro paçoquinha.

Vigotski (1991) afirma que a fala infantil é a forma encontrada pela criança para estabelecer contato com o adulto. Sendo assim, durante a contação as crianças sentem a necessidade de expressar seus comentários e experiências,

falando sobre seus gostos e desgostos, e fazendo isso estabelecem um vínculo não somente com o contador que ouve, mas com a história e com o personagem com o qual desenvolvem interlocuções.

Tahan (1964), ao tratar sobre as interrupções infantis durante a história, afirma a importância de se escutar com calma e brandura os comentários infantis, utilizando-os, na medida do possível, para educar. Garrido, citada por Tahan (1964) ao se questionar sobre a postura do contador frente a interrupções, afirma:

“Que fazer? Desprezar esses comentários e perguntas, dando prosseguimento à narrativa? Não, absolutamente, pois se assim o fizéssemos estaríamos prejudicando e comprometendo, seriamente, várias finalidades da história, isto é, aquisição de conhecimentos, expansão da linguagem e expressão do pensamento. Devemos, então, ouvi-la, dar atenção às suas explicações, satisfazer as suas perguntas, incluindo-as e associando-as como um complemento da narrativa, que assim não perderá a sua sequência e seguirá o curso de seus acontecimentos.” (p.45)

Contei a história e perguntei a eles se existia mesmo árvore de tudo aquilo, como por exemplo algodão doce, batom, balão, dentre outros. Conversei com eles acerca das árvores existentes, bem como as que foram criadas pela história. Eles me contaram as plantas que gostavam, as que conheciam, as que estavam na história porém não existiam, e logo em seguida propus a atividade.

Layla: E esse menino queria uma planta só de sonhos... de coisas que não existem, que não dão em árvore. Sabe o que a gente pode fazer? Fazer as nossas plantas do desejo. Ele queria muito comer algodão doce, então ele pensou em plantar uma árvore de algodão doce.

(Cauê e Davi já não estavam mais prestando atenção. Estava falando só com as meninas)

Juliana: Eu quero um pé de tudo que existe

Layla: De tudo que existe? Mas de que você quer?

Juliana: De tudo o que existe...

Layla: Sabe o que eu quero? Eu quero um pé de... já sei! Um pé de sonhos. Que aí quando a gente tiver um pesadelo a noite, quando a gente sonhar com alguma coisa muito ruim a gente acorda, vai lá no quintal, pega um sonho e pronto, voltamos a dormir bem, sonhando feliz da vida.

Juliana: Mas tem que ser sonho sem bruxa

Layla: É, sonho sem bruxa, sonhos bons.

Carla: Um dia eu sonhei que eu virei a Ana (frozen).

Layla: Esse sonho é legal, ele ia estar lá na minha árvore.

Carla: Eu queria um pé de bebê. Não, eu queria um pé de grávida e ai nascia um bebê.

Layla: A mulher tá grávida e aí quando acaba a gravidez, ela vai lá, pega um bebê pra cuidar... é isso? Eu gostei desse pézinho.

Juliana: E aí quando o bebê vira criança, ela pega outro.

O episódio vivenciado a partir da contação de histórias foi bastante interessante e rico em imaginação pelo fato de que a partir da temática de sonhos trazida pela história elas puderam expor suas ideias e vontades sempre pautadas pelos seus referenciais. Se observarmos atentamente, no início do relato Carla traz o tema de gravidez a tona ao falar que sonhou comigo estando grávida, logo depois, quando tem uma oportunidade de expressar os seus desejos por meio da árvore dos desejos, novamente aborda isso, falando sobre uma árvore de bebês.

Layla: A gente pode fazer um pé de...

Carla: Sorvete e bolo. Não a gente podia colocar um brownie em cima. Não, faz um bolo, coloca o sorvete por cima

Layla: A gente pode fazer assim, de um lado plantamos um pé de sorvete, aí do lado um pé de sorvete e do lado um pé de calda de chocolate.

Carla: E calda de morango.

Layla: Aí a gente ia lá, pegava um brownie e colocava no prato, depois ia no próximo e pegava sorvete e depois pegava a calda de chocolate e morango e comia.

Carla: Podia ter um pé de verdade desses.

Com base na minha experiência e convívio com as crianças sei que brownie com sorvete é uma sobremesa servida com frequência na casa da avó. Percebemos que aquilo que as crianças falam é pautado pelas suas experiências anteriores e por seus referenciais.

Diante disso, faço coro com Busatto (2012) quando afirma

"O conto é mesmo uma das formas mais democráticas de expressão artística, pois através dele cada pessoa constrói a sua história, de comum acordo com os seus referenciais, e o que eles possam significar para si." (BUSATTO, 2012, p. 18).

Sendo assim, as experiências imaginativas das crianças expressas nesse relato, por mais que estejam pautadas por seus referenciais e por suas experiências

vividas e contadas, são processos extremamente ricos em imaginação e criação, pelo fato de que a criação existe “por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho se comparado às criações de gênios.” (VIGOTSKI, 2009, p. 15-16)

**Data** – 15/10

**Local**– Casa de Carla e Cauê

**Intencionalidade** – Conversar sobre os medos e seu enfrentamento

**História** – Chapeuzinho Amarelo

**Recurso utilizado** – Livro da história “Chapeuzinho Amarelo”. Autor: Chico Buarque. Ilustrador: Ziraldo

**Atividade** – Contação de história e desenho

**Tipo de Registro** – Diário de bordo e gravador

**Resumo da História** – Uma menina que se chamava chapeuzinho amarelo era muito medrosa. Tinha medo de tudo, de trovão, minhoca, sombra e até de ficar em pé. Mas de todos os medos que tinha o que ela mais temia era o medo de encontrar o lobo. Até que um dia de tanto pensar, sonhar e esperar por ele, ela o encontrou e quando isso aconteceu, ela não sentiu medo. O lobo ficou chateado, pois a menina não estava com medo dele e então ele começou a engrossar a voz para ver se a assustava, mas nada acontecia. Com isso ela superou os seus medos, e conseguiu muitos amigos. E mesmo quando está sozinha passou a fazer brincadeiras para espantar o medo.

## **NARRATIVA E REFLEXÕES**

Antes de começar a contação de histórias conversei com eles sobre medo, perguntei se tinham medo de alguma coisa, se algo os assustava, entretanto disseram que não. Que eram corajosos e não tinham medo de nada. Para estimulá-los, tentei falar sobre os meus medos, mas mesmo assim continuaram firmes dizendo que não tinham medo de nada.

Em um dado momento, quando o lobo aparece para a Chapeuzinho e fala na história que ele tem “jeitão de lobo”, Davi, que está em pé [ouviu a história quase inteira em pé], inflou o peito, fez cara de bravo e pose de lobo e depois completou:

Davi: Eu não tenho medo do lobo, um dia eu vou quebrar a boca do lobo, eu vou cortar a língua do lobo [Na ilustração do livro aparece um grande lobo com a boca aberta e a língua de fora].

Mais uma vez vemos Davi em um momento de enfrentamento com o lobo, ao inflar-se e posicionar-se afirmando que não tem medo dele e que o vencerá de alguma forma. Segundo Abramovich (1993) ouvir histórias é “esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...” (p. 17)

Enquanto preparava o material para fazer a atividade de desenho, as meninas brincavam com as bonecas que estavam segurando durante a história. Estavam brincando de faz de conta com as bonecas, em uma situação na qual elas eram amigas e as bonecas eram suas filhas.

Carla: E aí elas estavam com medo...

Bastante interessante perceber como as crianças transportaram o contexto da história para a brincadeira de faz de conta, levando o medo abordado pela história, e se colocando no papel de mãe que consola e conforta as filhas amedrontadas. Isso revela a habilidade infantil de se colocar, durante a brincadeira, em um papel social diverso, nesse caso, refletindo uma temática comum à história e ao universo infantil. As crianças, em suas brincadeiras, aprendem a ser outra pessoa (LINN, 2010), e a história, nesse caso, serviu como um link enriquecedor para esse processo.

Juliana: É pra desenhar o que tem medo?

Carla: Você vai desenhar alguma coisa?

Layla: Eu vou.

Carla: Eu não sei desenhar cara de lobo

Layla: Desenha do jeitinho que você souber.

Juliana: Eu sei desenhar um tubarão.

Layla: Sabe?? Você tem medo de tubarão também juju?

(balançou a cabeça dizendo que sim)

Comecei a desenhar um tubarão e todos gostaram e quiseram desenhar igual. Tentei insistir para que desenhassem outras coisas, o que quisessem. Mas não quiseram.

Davi: Eu não sei desenhar um tubarão, eu só sei desenhar homem e mulher.

Cauê: Mas eu não sei desenhar.

Layla: De que que você tem medo?

Cauê: Do lobo. Mas eu não sei desenhar.

Davi: Olha gente, eu fiz três olhos.

Layla: Davi, é do que você tem medo. Você tem medo?

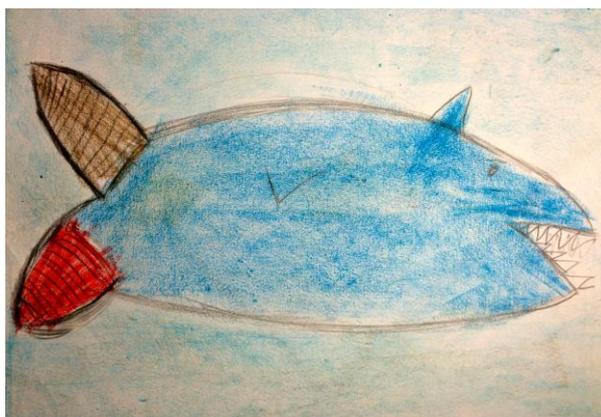
Davi: Eu tô fazendo um monstro meniinaaa [falou com voz de suspense].

Layla: Um monstro menina? E você tem medo do monstro menina?

Davi: Não.

Cauê: Olha o meu, os dentes do meu lobo.

Layla: Uau, tá muito feroz o seu lobo.



**Figura 2** - Desenho feito por Carla – Tubarão



**Figura 3** - Desenho feito por Cauê - Lobo



**Figura 4** - Desenho feito por Davi – Monstro menina

A relação das histórias narradas e dos desenhos infantis se dá pelo fato de que elas abrem uma oportunidade da criança recriar mundos, expressar sentimentos. Por mais que por meio da fala as crianças não quisessem admitir seus medos, por meio do desenho elas se sentiram a vontade para expressá-los. Como por exemplo Davi, que durante todo o processo de construção da histórias afirmou que não sentia medos, mas durante o desenho, ao ser solicitado que desenhasse seu medo, por mais que ainda reafirmasse que não o tinha, desenhou um monstro menina. Podemos dizer então que as narrativas têm a possibilidade de estimular o imaginário, por meio das formas, cores, sons e sensações presentes no corpo (BUSATTO, 2012). E por meio da mediação do desenho, a criança encontra uma forma de internalizar e ressignificar suas vivências e histórias.

**Data** - 22/10

**Local** – Casa de Carla e Cauê

**História** – O pavão do abre e fecha

**Recursos utilizados** – Livro da história “O Pavão do abre e fecha”. Autor: Ana Maria Machado. Folhas branca, cola, tesoura, pedaços de papel colorido.

**Atividade** – Contação de histórias e desenho

**Tipo de Registro** – Diário de bordo e gravador

**Resumo da história** – “O pavão abre a cauda colorida e se acha lindo. Um instante depois, olha os pés, que julga feios, e fecha a cauda, envergonhado. Quando é

convidado para uma festa no céu, o pavão se abre e dança, feliz. Só que o tangará debocha dos seus passos, e o pavão se fecha de novo, aborrecido. Chega o pardal, lhe faz um elogio, e mais uma vez o pavão se abre, orgulhoso. Mas aí o bem-te-vi aparece...”

### **Narrativa e Reflexões**

No dia 22/10 contei a eles a história do pavão do abre e fecha, mas disse que não contaria com o livro, e depois, se quisessem, mostraria as imagens. No início reclamaram, dizendo que queriam o livro, mas quando comecei a narração não reclamaram mais e ficaram bastante atentos.

Durante a contação consegui me utilizar de maneira mais rica do que nos outros dias das expressões faciais e corporais. Me empenhei em não ficar somente com os mesmos gestos, explorando uma maior diversidade dos mesmos. Pelo fato de estar sentada busquei explorar principalmente a movimentação com as mãos, por exemplo, quando falava que o pavão abria a cauda, cruzava os braços e os abria como se fosse um grande leque, quando o pavão fechava a cauda fazia o mesmo movimento inverso. Acredito que tenha sido bastante enriquecedor para o momento da contação e também um motivo pelo qual consegui prender a atenção das crianças durante a história - até mesmo de Davi, que ficou sentado durante toda a história.

Segundo Tahan (1964) a dramatização da história a ser contada é essencial, para isso usa-se voz, corpo, gesto, expressão, para imprimir um caráter de realidade à história. “O narrador procurará, com os recursos de sua imaginação, evitar a monotonia dos gestos. Os gestos devem ser variados” (p. 35).

No momento da história em que o Pavão abre a cauda e então uma pena se desprende e cai e por causa disso ele se entristece e fecha novamente a cauda. Enquanto contava, fiz um movimento de pinça com os dedos da mão, puxei para cima como se arrancasse a pena e depois com a mão aberta mostrei a pena caindo delicadamente ao chão, enquanto fazia uma expressão de tristeza ao olhar para a pena que caía. Enquanto escutava, Juliana, ficava com uma expressão cada vez mais apreensiva, com o cenho franzido e expressão preocupada, olhando atentamente para mim, esperando descobrir o que estava para acontecer. A expressão de tensão do rosto dela aliviou quando o periquito apareceu e disse ao pavão que nasceria uma nova pena no lugar e então o pavão se alegrou novamente

e abriu a cauda. Por todas as vezes que o pavão se alegrava [abria a cauda] ou se desanimava [fechando a cauda], esse ciclo de expressões se repetia em seu rosto.

Rocha (2011) afirma que “história boa é aquela que emociona” (p.11) é aquela que envolve o ouvinte de tal forma que suas emoções são despertadas por meio do conto e até mesmo o medo sentido se torna prazeroso. Machado (2011) relata o dia em que estava contando a história da Chapeuzinho Vermelho para sua sobrinha, com ela sentada em seu colo, segurando-a junto ao seu peito.

“Num dado momento senti o coraçãozinho dela batendo muito forte [...]. Eu fiquei assustada com aquele *tum, tum, tum, tum, tum!* Parei um pouco, um tanto temerosa, e fiquei assim meio que esperando... E ela pediu: Continua tia, ai que medo bom!” (p.11).

O relato sobre Juliana é um exemplo claro acerca disso, pois suas emoções se misturam de tal forma com o enredo da história que, sem que ela percebesse, a cada reviravolta da história suas expressões faciais denunciavam seu envolvimento.

Em um dado momento da história, depois de três passarinhos aparecerem para conversar com o pavão e depois irem embora, eu estava anunciando a entrada de um novo personagem, quando Davi me interrompeu

L: E aí, apareceu o...

D: Não, aí eu apareci, aí eu apareci e tinha um lobo.

“Ao narrar um conto se concede ao ouvinte a possibilidade de criar o seu cenário, a sua música e as suas cores.” (BUSATTO, 2012, p. 17). Davi estabelece uma relação de pertencimento ao se identificar com a história e desejar fazer parte dela, bem como colocar personagens do seu desejo para participar dela.

Depois da história propus que brincássemos de faz de conta de festa. Mas não quiseram, queriam brincar de mãe e filha e escola. Fui então com os meninos para dentro de casa para fazermos uma festa por meio de colagem e desenhos.

**Data** - Processo vivido durante dois dias - 29/10 e 5/11

**Local**– Casa de Carla e Cauê

**Intencionalidade** – Conversar sobre os sentimentos.

**História** – Caras, carinhas e caretas. Alimentos com sentimentos

**Recurso utilizado** – Livro da história “Caras, Carinhas e Caretas. Alimentos com sentimentos”. De Saxton Freymann e Joost Elffers, texto de Pedro Bandeira. Dois legumes (beterraba e abóbriha menina) com rostos esculpidos por mim, expressando diferentes sentimentos

**Atividade** – Contação de história, criação de uma história coletiva a partir dos personagens que levei, ilustração da história criada.

**Tipo de Registro** – Diário de bordo e gravador

**Resumo da História** – “Veja como seria gozado se as frutas e os legumes pudessem ter expressões como gente! Aí cada vez que você olhasse para um tomate ou para um pimentão, iria ficar tentando adivinhar seus ‘pensamentos’...”

## **NARRATIVA E REFLEXÕES**

Antes de começar a ler o livro, conversei com eles sobre os sentimentos. Perguntei a eles se sabiam o que eram os sentimentos, falei sobre os vários sentimentos que podíamos ter, seus motivos. Eles me ajudaram dando alguns exemplos.

Layla: Quando a gente fica triste, a gente mostra isso com o nosso rostinho, não é? A gente faz cara de triste? Como é que vocês mostram que estão tristes?

Um por um foram fazendo as caras de triste, assustado, feliz, bravo. Em todos os sentimentos Juliana escondeu o rosto com vergonha, sem querer mostrar expressão nenhuma.

Alguns me mostraram suas caras de bravo. Cauê e Davi começaram a fazer gracinha, colocando a língua pra fora e fazendo bananeira. Em uma dessas Davi bateu a perna em Cauê e o machucou, ele então ele se irritou e brigou com Davi.

Layla: Viu, você fez cara de bravo agora. Agora eu vi sua cara de bravo.

Cauê logo começou a rir pelo que eu tinha falado dele e parou de brigar com Davi, permitindo que eu pudesse dar continuidade a minha história com tranquilidade.

Tahan (1964) nos ensina que o narrador deve sempre buscar se aproveitar das anormalidades que ocorrem durante a narrativa a fim de que isso não atrapalhe o seu bom andamento. Nesse episódio, uma briga era iminente e isso afetaria por completo o andamento da história, entretanto como estávamos falando de sentimentos e suas expressões, consegui conectar as duas situações, amenizando assim a briga e contribuindo para a fluidez da história.

Davi: Layla, eu não gosto disso.

Layla: Não gosta? É cebola.

Davi: Eu não gosto. E nem disso e nem disso (apontou para os outros legumes que apareciam na página).

Layla: “Porque choras minha filha, você é uma cebola e faz todo mundo chorar.” Vocês sabiam que quando a gente corta a cebola a gente chora?

Todos: Não.

Cauê: Por quê?

Layla: Porque ela solta um caldinho que irrita e arde o nosso olho e faz ele encher de lágrimas e aí a gente chora.

Segundo Abramovich (1993), a história contada pode servir como ampliadora de referenciais. Sendo assim, podemos perceber e até confirmar que além do divertimento causado pelas histórias, elas proporcionam ao universo infantil a ampliação de sua visão de mundo e de seus conhecimentos.

Nessa história pudemos perceber isso não só no episódio contado mas também no fato de que muitos dos legumes que apareciam as crianças não conheciam ou o confundiam com outros. Sendo assim, também tivemos a oportunidade de conversar sobre os legumes, apresentando seus nomes e perguntando os gostos. Isso se dá pelo fato de que muitas vezes as crianças estão familiarizadas com o alimento cortado e preparado, pronto para ser comido. Entretanto, não conhecem sua forma original, por isso, vemos esse momento como rico em conhecimento e educação.

Após a história propus a eles que inventássemos juntos uma história a partir de dois personagens que eu havia levado e eu iria gravar para depois escrever e contar a eles a história que eles mesmos inventaram. Preparei em casa dois personagens inspirados no livro que havíamos visto. Fiz rostos em uma beterraba e em uma abóbora menina, cada um expressando um sentimento diferente.



**Figura 5 - Pãopão e Cebolão**

Percebemos que a gravação da história, sua reescrita e a promessa de que a história seria contada a eles serviu como um fator motivador para que as crianças se envolvessem com a atividade e se interessassem mais por inventá-la. González Rey (2002) afirma que “o instrumento é uma ferramenta interativa” (p.80) e “envolve o sujeito na pesquisa” (p.81), como também se percebe na narrativa a seguir.

Durante a história Juliana percebeu o gravador, pegou-o e parou a gravação para brincar comigo. Expliquei que não podia, que era importante, e depois que gravasse deixaria ela escutar. Depois que eu expliquei a atividade e disse que gravaria o que eles estavam dizendo, Juliana disse:

Juliana: Tá gravando o que você acabou de dizer!

Layla: E o que você disse também.

Esse diálogo se repetiu três vezes, e ao final da atividade ela pediu para escutar a gravação.

Comecei a história trazendo a Beterraba. No início precisava induzir, perguntando qual seria o nome, ou aonde estaria o personagem e o que estava

fazendo, mas depois cada um foi complementando e a partir desse momento só o que fiz foi mediar a hora de cada um falar.

A história narrada serviu como uma fonte de criatividade e motivação para que as crianças inventassem sua própria história.

“A história funciona então como agente desencadeador de criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se, expressivamente, de acordo com sua preferência.” (COELHO, 1997, p. 59)

Segue um trecho da construção da história coletiva:

Layla: Era uma vez o... quem é esse?

Davi: Cebolão.

Layla: Era uma vez o Senhor Cebolão... O que ele estava fazendo?

Carla: Ele tava passeando pela floresta.

Cauê: Ai veio o lobo.

Layla: E ai de repente veio o lobo, e o que aconteceu?

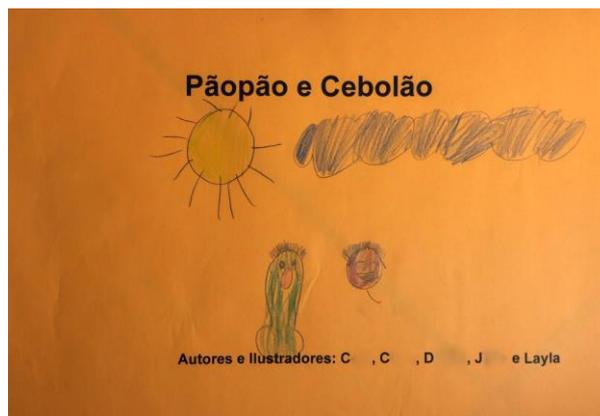
Cauê: E aí caiu em um rio.

Layla: Ele viu um lobo, então ele continuou andando, andando, com medo do lobo quando de repente, ploft, ele caiu dentro do rio.

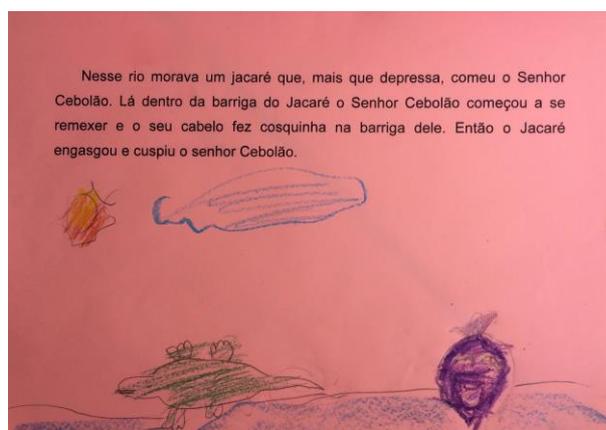
Cauê: ai também veio um jacaré.

Na semana seguinte, no dia 5/11, preparamos o ambiente para a contação de histórias e contei a eles a história que eles haviam inventado. Foi bastante interessante o fato de que durante a contação eles me corrigiam falando que tinham falado diferente, ou então lembrando quem havia falado a parte contada.

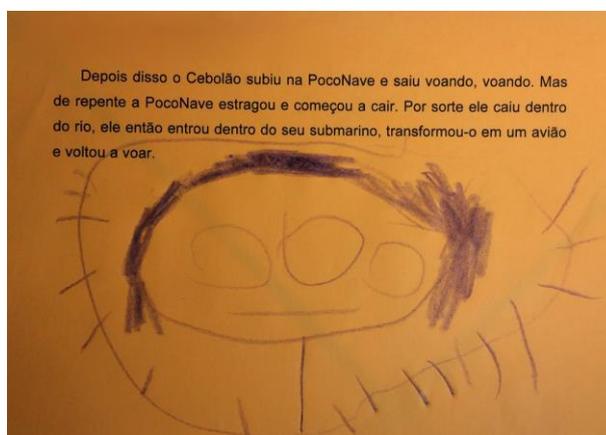
Transcrevi a história que criaram e a imprimir em folhas coloridas, colocando cada parágrafo em uma folha, como se fosse um livro. Depois que recontei a história mostrei a eles o livro que imprimir, mas disse que estavam faltando as ilustrações e pedi a eles que desenhassem. A seguir as páginas do livro que criaram e ilustraram.



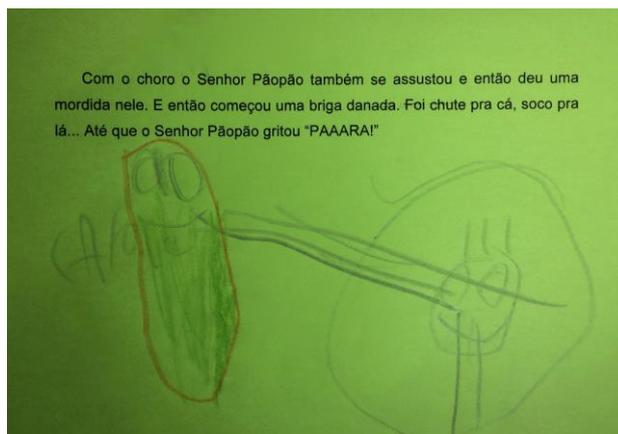
**Figura 6 - Ilustração: Carla**



**Figura 7 - Ilustração: Juliana**



**Figura 8 - Ilustração: Davi**



**Figura 9** - Ilustração: Cauê

Percebemos que eles foram bastante estimulados por essa atividade, pois cultivaram um sentimento de autoria e de orgulho diante da história inventada e ilustrada.

Pereira (2012) afirma que a contação de histórias é um recurso valioso que contribui para o desenvolvimento infantil pelo fato de que proporciona aos sujeitos envolvidos o contato lúdico com a literatura, possibilitando a ampliação de seus conhecimentos, estimulando a leitura e a produção da escrita.

Segundo Machado e Rocha (2011)

"a importância de ler ou de ouvir histórias reside no fato de que a criança, o jovem, vai formando um padrão de acontecimentos, da narrativa. É um padrão em que a narrativa flui, em que a narrativa nos conduz de uma coisa a outra, com começo, meio e fim." (p. 14)

Entretanto, podemos afirmar que não somente a contação de histórias mas a possibilidade de fazer das crianças as autoras de novas histórias, com o auxílio do adulto e de seus colegas, também contribui para que ela perceba a fluidez e os caminhos que as histórias nos conduz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a partir da minha vivência pedagógica com as crianças com as quais realizei a parte prática do trabalho e sobre os ombros de gigantes no assunto escolhido, tais como Beth Coelho, Malba Tahan, Fanny Abramovich, Cléo Busatto, Vigotski e outros, pude ter uma visão mais ampla acerca da contação de histórias. Compreendo agora melhor os aspectos que a cercam e que estão intimamente ligados a ela e ao seu sucesso, tais como a preparação da história e do contador, a forma como se conta, e tantas outras questões com que inicialmente me deparei.

A contação de histórias é uma atividade cuja importância deve ser vista como essencial para o cotidiano infantil, pelo fato de que, como vimos, contribui grandemente para o processo de imaginação e desenvolvimento infantil ao aumentar o repertório de vivências e experiências da criança, bem como proporcionar que ela se coloque na história, mudando seus rumos e caminhos da forma que bem entender. As histórias encantam “por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior.” (BUSATTO, 2012, p. 17); além de proporcionar à criança um apoio para o desenvolvimento de habilidades como o desenho, a fala, a escrita e o faz de conta.

Durante os estudos pudemos perceber que as relações estabelecidas durante o processo de contação de histórias são bastante amplas e envolvem todos os sujeitos da ação. Sendo assim, o envolvimento do contador e ouvinte não se estabelece de forma linear, mas é marcado pelo contexto, por sua subjetividade pessoal, pelos sujeitos envolvidos e suas interações, e até mesmo pela presença de outros ouvintes, tudo isso mediado pelas histórias contadas e atividades realizadas. Essa situação traz riqueza ao ser humano, pois nos coloca em contato com diversas realidades de forma lúdica e leve e traz benefícios sem medida para a imaginação infantil.

Diante do que foi escrito e revisitando os nossos objetivos, percebemos que a vivência de contação de histórias com Juliana, Carla, Cauê e Davi foi bastante eficaz para que pudéssemos perceber as relações de troca estabelecidas com a história e comigo. Também foi útil para que constatássemos a importância do contador estar constantemente sob auto-observação e recriação de si mesmo, a fim de que

conseguisse construir a narrativa de forma envolvente e diversificada. Para isso, reconhecemos que a metodologia de contação de histórias utilizada foi suficientemente eficaz para atender aos objetivos propostos.

Nos propusemos a realizar uma pesquisa-ação que permitiu com que eu, pesquisadora do meu próprio ambiente de trabalho, tivesse um entendimento muito mais amplo e profundo daquilo que buscava inicialmente nos objetivos. Ao analisar minha própria prática como contadora de histórias, pude perceber de forma clara a importância do contador se preparar para as histórias, como isso faz a diferença para a sua atuação, como é fundamental que utilize os recursos que possui tal como seu corpo e voz para contribuir para o andamento de uma boa história, e como isso é fundamental para estabelecer um envolvimento com os ouvintes. Segundo Torres e Tettamanzy (2008) a contação de histórias precisa ser feita de forma envolvente, e ao ser feita assim “permite a interação entre contador e ouvintes, o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias” (p. 5). Diante do pesquisado e vivenciado pude confirmar, enquanto narradora, a importância, principalmente, da gestualidade no momento da narração. Anteriormente reconhecia isso, mas ainda não havia transportado esse conhecimento para a atuação da minha prática, sendo assim, não era algo que de fato valorizava e me esforçava para buscar no momento da contação. Entretanto, diante de tantas leituras que reforçam isso e por perceber a minha falha, no decorrer das práticas que foram feitas, busquei explorar esse recurso e fui capaz de perceber como isso é capaz de enriquecer a história e prender a atenção da criança.

Por meio da escuta sensível e da escrita reflexiva do diário de bordo, pudemos observar, de forma atenciosa, as relações que eram estabelecidas, como as crianças reagiam à história contada, como elas se relacionavam entre si e com o contador no decorrer da história. Pudemos perceber os olhares encantados e curiosos, sua sensação de aconchego e bem estar ou de apreensão e medo. “[...] contar histórias implica em proximidade entre narrador e ouvinte, e pede olho no olho para que o fio de prata não se rompa. Contar histórias pressupõe este envolvimento com o ouvinte” (BUSATTO, 2012, p.72)

Percebemos, porém, no decorrer da pesquisa, que nossas descobertas foram além do que havíamos proposto. Inicialmente pensamos e falamos somente acerca da imaginação da criança, mas no decorrer da pesquisa percebemos que é necessário que a imaginação do contador seja desenvolvida para que ele consiga

empostar sua voz com emoção e diversidade, fugir da monotonia dos gestos repetitivos e utilizar o seu corpo de forma a enriquecer o texto que está contando. Para executar essa difícil tarefa com habilidade e harmonia, sem parecer forçado ou exagerado, o narrador deve se preparar, exercitando sua imaginação, brincando com seu corpo, estudando seus movimentos (BUSATTO, 2012), para que através disso sua narração se torne rica e a imaginação da criança seja estimulada. Isto é, a ativação de seu próprio imaginário contribui substancialmente para que o imaginário da criança seja ativado, e por sua vez, a expressão da imaginação da criança certamente alimenta a do contador, numa reação circular desencadeada em ambos no decurso da sua interação, ao longo do processo de contação da história.

Percebemos também que, ao falar sobre os sujeitos da contação de história e suas interações, deixamos escapar o relacionamento que ocorre entre os ouvintes. Durante a nossa prática pudemos perceber que não somente a forma como eles se relacionam com o contador e com a história influenciam no transcurso da mesma, mas a forma como se relacionam e lidam com os dilemas estabelecidos entre eles também é determinante para o andamento da história. Se brigaram, se estavam brincando animadamente, se estão empolgados em uma atividade conjunta, se o relacionamento dos ouvintes é harmonioso ou conflituoso, tudo isso facilita ou dificulta a tarefa do narrador e influencia o momento de contação de histórias.

Isso, porém, deixamos para uma próxima oportunidade de pesquisa, ou para algum outro aventureiro que deseje desbravar esse universo tão vasto e encantador das narrações de histórias infantis.

Mais uma vez reafirmo que a contação de histórias é um importante instrumento para ensinar as crianças de forma divertida e lúdica, para acalmá-las e fazê-las vivenciar diversos conflitos da vida diária por meio da personagem da história e seus enfrentamentos. Segundo Coelho (1997)

“A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens;” (p. 11)

As histórias são, de fato, uma fonte inesgotável de conhecimento, prazer e alegria, tanto para quem as ouve como para quem as conta. E certamente a qualidade da interação que ocorre entre contador, a história e o ouvinte é fundamental.

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Finalizo essa etapa da minha vida com o coração repleto de alegria, pela certeza do sustento Divino, pelo auxílio durante todo o curso e pela certeza da sua direção no futuro. Concluo esse trabalho confessando diante do leitor os medos que por vezes cercam e assolam o meu coração diante do futuro incerto. Mas confesso ao leitor que diante da formação iminente e do futuro tão próximo meu coração flutua, e sonho como criança que pensa o que será quando crescer...

Não sei quais caminhos vou percorrer, mas sei por onde pretendo começar. E com orgulho na voz e medo no peito eu digo... serei professora! Desejo trabalhar com educação infantil, etapa de ensino com a qual me devotei durante todo o curso, por meio de estágios, projetos e leituras. Que me encantou enormemente e me mostrou a eficácia e importância de uma pedagogia da afetividade e do cuidado com o outro.

E não só isso... Mas serei também contadora de histórias! De forma informal, na minha sala de aula, na minha igreja, com meus futuros filhos e familiares... Que as histórias infantis nunca saiam da minha vida e da minha boca, pois elas me encantam, me surpreendem, me fazem rir e me emocionam e quero ser capaz de levar esse mesmo encantamento aos outros.

Que os valores que me cercam e aquilo que eu acredito norteiem a minha prática, que meu coração esteja disposto a aprender e reconhecer os erros e que na minha caminhada eu encontre exemplos de professores que lutem por uma educação de qualidade, valorizando o conteúdo mas sem nunca se esquecer da leveza e importância essencial do lúdico na educação. Que eu busque, dia após dia e ano após ano, me (re)formar e (re)construir como professora, educadora e pessoa.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

o(a) menor, pelo qual o(a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “UMA HISTÓRIA NÃO SE CONTA SOZINHA! Um encontro imaginativo entre a experiência do contador e das crianças”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Layla Ribeiro da Cunha**, estudante do último semestre de Pedagogia da Universidade de Brasília. A pesquisa faz referência ao Trabalho de Conclusão de Curso da Pesquisadora supracitada, sob orientação da Professora Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Os objetivos do estudo são: analisar a interação vivida pelos sujeitos da ação, contador e ouvinte, no momento da contação de histórias, bem como, sua possível relevância para a imaginação infantil; investigar a relação de troca entre contador e ouvinte; observar como o contador constrói a narrativa a fim de envolver o ouvinte e como isso pode influenciar no desenvolvimento da criança; investigar como as crianças interagem com a história contada; conhecer os diversos benefícios trazidos pela narração para o desenvolvimento infantil.

O menor participará de momentos de contação de histórias e outras atividades desenvolvidas pela pesquisadora, tais como, atividades de desenho, escrita, jogos, brincadeiras de faz de conta, dentre outros. Um dos instrumentos de pesquisa utilizaremos a gravação em áudio, por meio de um aparelho de celular. Após a transcrição das gravações para a pesquisa e a finalização da mesma, os áudios serão desgravados.

Em nenhum momento o(a) menor será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O(A) menor não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar na pesquisa. O(A) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com: Layla Ribeiro da Cunha, telefone: (61)3323-5844 e (61)9184-1634 ou com a orientadora, pelo cel 91336296.

Brasília, ..... de ..... de 2015

---

Assinatura da pesquisadora

Eu,                      responsável                      legal                      pelos(a)                      menores

---

consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele(a) deseje, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Responsável pelo(a) menor participante da pesquisa

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1993. 174 p.
- BERNARDINO, A. ; SOUSA, L. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educare et educare. Cascavel, v. 6, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewArticle/4643>> Acesso em: 5 setembro 2015.
- BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura: A voz do bibliotecário lendo ou narrando**. 2010. 233 f. Tese (doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 2010
- BUSATTO, C. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 123 p.
- CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E.M. *Escuta sensível: o que é? Escuta Sensível em diferentes contextos laborais*. In: CERQUEIRA, T. C. S. (Org.). **(Con)Textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011, Capítulo 1, p.15-52.
- COELHO, B. **Contar histórias, uma arte sem idade**. 7.ed. São Paulo, Ática, 1997, 78 p.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia – Caminhos e desafios**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002. 187 p.
- LINN, S. **Em defesa do faz de conta: Preserve a brincadeira em um mundo dominado pela tecnologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010. 348 p.
- MACHADO, A. M.; ROCHA, R. **Contando histórias, formando leitores**. 1. ed. Campinas: Papyrus 7 mares, 2011. 109 p.
- MEREDIEU, F. **O desenho infantil**. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. 82 p.
- MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *O outro e sua significação para a criatividade: implicações educacionais*. In: SIMÃO, L. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (orgs.). **O outro no desenvolvimento humano- diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia**. São Paulo; Thomson, 2004, p.77-99.
- PEREIRA, K. R. A.; GOMES, E. J. **Contação de histórias: Uma ferramenta no incentivo à leitura e à escrita**. Paraná, 2012. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_uem\\_port\\_artigo\\_keithy\\_rubia\\_de\\_andrade.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_port_artigo_keithy_rubia_de_andrade.pdf)>. Acesso em: 28 agosto 2015
- RODRIGUES, M. **Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet**. Revista da Unifebe (Online), n. 12, 2010. Disponível em: <<https://www.unifebe.edu.br/revistadaunifebe/2010/artigo012.pdf>> Acesso em: 22 outubro 2015.

SANTOS, M. J. **Consciência Fonológica e Educação Infantil: aplicação de um programa de intervenção e seus efeitos na aquisição da escrita**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

TAHAN, M. **A arte de contar histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964. 222 p.

TORRES, S. M; TETTAMANZY, A. L. **Contação de histórias: resgate de memória e estímulo a imaginação**. NAU Literária. Porto alegre, v. 04, n. 01, 2008. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/27420> >. Acesso em: 25 agosto 2015.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991. 90 p.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: Ensaio psicológico: livro para professores**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1930/2010. 135 p.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1962/1996. 135 p.

ZANELLA, A. V. *“Pode até ser flor parece a quem o diga”*: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito. In: DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V. (Orgs.). **Relações estéticas, atividades criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. Florianópolis: Nupra – Núcleo de Publicações, 2006, p.33-47.

#### LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

\_\_\_\_\_. **Meu tesouro de histórias de cinco minutos**. ?. ? : Todolivro, 2012

BUARQUE, C. **Chapeuzinho Amarelo**. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006

FREYMAN, S. ; ELFFERS, J. **Caras, Carinhas e Caretas: Alimentos com Sentimentos**. São Paulo: Salamandra, 2000

MACHADO, A. M. **O pavão do abre e fecha**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2012

PEREIRA, W. **Pé de poesia**. ?. ? : Dimensão, ?